

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“É QUASE UM GRITO DE SOCORRO QUANDO UM
ADOLESCENTE CHEGA A COMETER UM CRIME”:
ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS PARA
JOVENS DE CLASSE POPULAR.

Fernanda Gonçalves de Lima

Vitória

2017

FERNANDA GONÇALVES DE LIMA

“É QUASE UM GRITO DE SOCORRO QUANDO UM
ADOLESCENTE CHEGA A COMETER UM CRIME”:
ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS PARA
JOVENS DE CLASSE POPULAR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia sob a orientação da Prof^a. Dr^a Maria Cristina Smith Menandro.

UFES

Vitória, Agosto de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais da
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L732e Lima, Fernanda Gonçalves de, 1990-
“É quase um grito de socorro quando um adolescente chega a cometer um crime” : adolescentes autores de atos infracionais para jovens de classe popular / Fernanda Gonçalves de Lima. – 2017.
136 f. : il.

Orientador: Maria Cristina Smith Menandro.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Psicologia social. 2. Juventude. 3. Representações sociais. 4. Adolescentes e violência. I. Menandro, Maria Cristina Smith, 1962-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

**“É QUASE UM GRITO DE SOCORRO QUANDO UM ADOLESCENTE CHEGA
A COMETER UM CRIME”: ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS
INFRACIONAIS PARA JOVENS DE CLASSE POPULAR.**

FERNANDA GONÇALVES DE LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 18 de Agosto de 2017, por:

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Smith Menandro – Orientora, UFES

Prof^a. Dr^a. Edinete Maria Rosa – UFES

Prof. Dr. Diemerson Saquetto – IFES

Dedico esta dissertação aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Governador Valadares-MG, que provocaram em mim a inquietante motivação pelo conhecimento de suas realidades e por compartilharem comigo suas trajetórias marcadas por violências, ausências e violações de direitos.

*Pobre del que ha olvidado que hay un niño en la calle,
Que hay millones de niños que viven en la calle
Y multitud de niños que crecen en la calle.
Yo los veo apretando su corazón pequeño,
Mirándonos a todas con fábula en los ojos.
Un relámpago trunco les cruza la mirada,
Porque nadie protege esa vida que crece
Y el amor se ha perdido, como un niño en la calle.*

Canción Para Un Niño En La Calle – Mercedes Sosa/René Pérez

Resumo

Lima, F. G. (2017). *“É quase um grito de socorro quando um adolescente chega a cometer um crime”: Adolescentes autores de atos infracionais para jovens de classe popular*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, 136 pp.

O presente trabalho apresenta como objetivo identificar e descrever as representações sociais que jovens de classe popular constroem sobre adolescentes autores de atos infracionais. Dentro do escopo da Psicologia Social utilizamos como principal alicerce para o desenvolvimento desta pesquisa a Teoria das Representações Sociais, que auxiliou na compreensão de como os jovens pensam e percebem estes adolescentes. Para tanto, foi realizado um estudo descritivo e exploratório de natureza qualitativa. Foram selecionados como participantes, 20 jovens com idades entre 18 e 24 anos matriculados em 2 cursos populares preparatórios para vestibular da Grande Vitória, à seleção dos participantes se deu por conveniência e acessibilidade. O instrumento para coleta de dados teve por base entrevistas individuais a partir de um questionário estruturado com questões abertas. Para análise dos dados utilizamos o método fenomenológico para investigação psicológica. Embora elementos diversificados estivessem presentes nas representações dos entrevistados do adolescente que comete ato infracional, todas as variações encontradas estavam ancoradas na pobreza; todos os elementos estavam diretos ou indiretamente relacionados à pobreza ou às suas consequências. Tendo por base a definição de representação enquanto princípio gerador de tomada de posição e fazendo um paralelo com os resultados encontrados neste trabalho, podemos supor que os entrevistados buscavam através da prática de estudar alcançar a superação do estado de

pobreza, visando a extinção ou a redução das possibilidades de fazer parte do grupo dos adolescentes que cometem ato infracional, promovendo uma maior diferenciação categorial.

Palavras-chaves: Psicologia Social; Juventude; Teoria das Representações Sociais; Adolescente autor do ato infracional.

Abstract

Lima, F. G. (2017). *"It's almost a cry for help when an adolescent commits a crime": Adolescent who commits an infraction for young adults from popular class*. MSc. Dissertation, Psychology Post-Graduation Program - Federal University of Espírito Santo. 136 pp.

This research aims to identify and describe the social representations that young adults from a popular preparatory class have about adolescents who commits an Infraction. Based in the field of social psychology, we used as principal foundation to the development of this research the Social Representation Theory, to help understanding their perceptions about said adolescents. It's a descriptive and exploratory study using qualitative methods. Were selected 20 young adults with ages between 18 and 24 years enrolled in two popular preparatory class in Grande Vitória, the participant's selection was by convenience and access. The data was collected using structured interviews with open questions. It was used phenomenological analysis for psychology investigation to analyze the data found. Even though were found a variety of elements about the adolescent who committed an Infraction, all variations were anchored with poverty, all elements were directly or indirectly related with poverty and with it consequences. Based on the definition of representation as a principle generator in positioning and making a parallel with results found in this work, it is possible to assume that the Young adults interviewed are searching through the study overcome the poverty state, aiming the reduction or extinguish the possibilities in being part of the group of adolescent who commit Infraction, promoting a larger category differentiation.

Keywords: Social Psychology; Youth; Social Representation Theory; Adolescent who commits an infraction.

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Compreensões sobre o adolescente que cumpre medida socioeducativa.....	12
1.2 Panorama geral sobre a juventude.....	15
1.3 A juventude brasileira	18
1.4 Teoria das Representações Sociais.....	21
2 OBJETIVOS.....	28
2.1 Objetivo Geral	28
2.2 Objetivos específicos.....	28
3 MÉTODO.....	28
3.1 Participantes.....	29
3.2 Local	30
3.3 Instrumento.....	30
3.4 Procedimentos de coleta de dados.....	31
3.5 Procedimentos de análise	32
4 RESULTADOS	35
5 DISCUSSÃO.....	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	128
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	131

APRESENTAÇÃO

Desde a graduação em Psicologia na Universidade Vale do Rio Doce, localizada em Governador Valadares – MG, a temática da juventude e sua inserção na criminalidade tem despertado meu interesse de estudo. Tal motivação se aprofundou através da minha inclusão como estagiária no Programa Se Liga, um programa da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais, que possui como principal objetivo atender e acompanhar adolescentes autores de atos infracionais que foram desligados das medidas socioeducativas de privação e de restrição de liberdade. Naquele momento, se iniciava minha prática profissional permeada por inquietações relacionadas ao trabalho com esses adolescentes/jovens que culminaram no interesse pela realização desta pesquisa.

A trajetória durante a graduação, e atualmente como psicóloga me instigou a estudar de forma mais ampla e sistemática o adolescente autor de atos infracionais enquanto objeto de pesquisa. Neste projeto, focalizaremos o olhar de jovens de classe popular sobre este adolescente, mais especificamente localizaremos o estudo da subjetividade de um conjunto de jovens que compõe grande parcela da juventude brasileira: os jovens de classe popular.

Optamos por conhecer o modo de pensar dessa população sobre esse objeto por tratar-se de jovens que pertencem a contextos sociais e econômicos próximos ao da maioria dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa, podendo dessa forma compreendê-los dentro do seu contexto de interação. Nesse sentido, pretendemos apreender o fenômeno da adolescência e seu envolvimento com a criminalidade sob o ponto de vista de um grupo para o outro

bem como a influência direta ou indireta das concepções que circulam entre os jovens em suas experiências relacionadas ao adolescente.

Assim sendo, esta pesquisa partiu do seguinte questionamento central: como os jovens de cursos populares preparatórios para vestibular concebem os adolescentes que cometeram um ato infracional? Para esta proposta, pretendemos conhecer as representações sociais destes jovens investigando os significados e as percepções atribuídas ao adolescente do sexo masculino autor de atos infracionais.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Compreensões sobre o adolescente que cumpre medida socioeducativa

O uso do termo adolescente em conflito com a lei refere-se a uma tentativa relativamente recente de buscar caracterizar a população de jovens brasileiros que cumprem medidas socioeducativas de forma a não discriminá-los em função das categorias sociais as quais pertencem. Esta preocupação surge no contexto de interesse de garantir e promover os direitos integrais a esses jovens. Entende-se que se trata de um adolescente como qualquer outro, que em um determinado momento da vida se encontra na condição de envolvido em atos considerados como ilegais (Marinho, 2013).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente considera adolescente em conflito com a lei o sujeito com idade entre 12 e 18 anos incompletos que cometeram ato infracional, ou seja, conduta descrita como análoga a um crime ou contravenção penal pela legislação brasileira (Brasil, 2014a). A realização do ato infracional conduz o adolescente ao julgamento de sua ação pelo sistema judiciário, geralmente por um Juiz da Infância e da Juventude que aplicará uma medida socioeducativa (Rossato & Souza, 2014).

Rossato e Souza (2014) destacam que, na realidade brasileira, o cumprimento das medidas deve possuir caráter pedagógico e mediador contribuindo para que os adolescentes em conflito com a lei se reorganizem perante a sociedade. O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE propõe como de suma importância que a família do adolescente e sua comunidade participem ativamente no período de cumprimento da medida

socioeducativa, contribuindo para a consecução dos objetivos da mesma (Brasil, 2014b).

Nascimento, Howat-Rodrigues, Rosa e Pompeu (2012) afirmam que os motivos que levam um adolescente a cometer um ato infracional ainda são considerados complexos e de difícil definição, todavia, a literatura indica que estes adolescentes de alguma forma buscam reconhecimento, pertencimento ou obtenção de algo que não possuem. Os autores ainda associam que fatores de risco como relações familiares conflituosas, influência de amigos, uso de drogas, determinadas formas de lazer, baixa autoestima, fatores relacionados à vulnerabilidade, falta de bens materiais e perspectivas de vida são apontadas muitas vezes como causas da conduta infracional.

Marinho (2013) ressalta que os adolescentes envolvidos em condutas infracionais são vindos de diversas origens sociais, mas, aqueles que respondem por suas práticas e os que geralmente cumprem medidas socioeducativas previstas pelo Estado tendo sua liberdade privada, corresponde a um universo restrito a jovens de camadas populares expostos a situações de vulnerabilidade social. Sendo assim, a autora complementa que a sociedade em geral e seus meios de comunicação social, por muito tempo associaram a pobreza à criminalidade, ocultando que o descumprimento de normas e a prática de atos ilegais também ocorram no interior de todas as classes sociais.

Em 2014 foi publicado um levantamento realizado pelo Conselho Nacional de Justiça por meio do Programa Justiça ao Jovem que tem como objetivo elaborar diagnósticos sobre adolescentes autores de ato infracional que estão em cumprimento de medida socioeducativa. Foi traçado o panorama geral das

estatísticas no Brasil relacionadas a esta população, a fim de garantir aos adolescentes sob custódia do Estado os direitos abrigados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) (Brasil, 2014b). A pesquisa foi realizada por uma equipe multidisciplinar que visitou, de julho de 2010 a outubro de 2011, as 320 instituições de internação existentes no Brasil, com o objetivo de analisar o perfil e as condições de internação a que os 17.856 adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de restrição de liberdade estão inseridos. Tal universo abarca todas as aplicações das medidas de internação, sendo estrita 11.901 adolescentes, provisória 3.471 e de semiliberdade 1.568, totalizando 16.940 jovens. Enquanto as demais privações como clínicas sociais e de reabilitação 916 jovens. Desse total, 94% dos jovens em cumprimento das medidas são do sexo masculino, enquanto o sexo feminino é representado por apenas 6% do total de jovens nessas condições (Brasil, 2014b).

O perfil sociodemográfico do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação revela que 47,5% de uma amostra de 1.898 cometeu o primeiro ato infracional entre 15 e 17 anos de idade. Em relação ao ato infracional dos sujeitos em cumprimento de internação, 36% foram apreendidos pela prática de ato infracional análogo ao crime de roubo, em seguida 24% por tráfico de drogas e 13%, por homicídio. A pesquisa ainda mostra uma questão relevante: a escolaridade dos jovens, embora a maioria esteja na faixa dos 17 a 21 anos, 86% se encontram no Ensino Fundamental e 57% declararam não frequentar a escola por ocasião da apreensão. Dados sobre a família apontam

que 14% dos jovens possuem filhos e que 43% foram criados apenas pela genitora (Brasil, 2014b).

Os dados apresentados permitem verificar o perfil dos adolescentes privados de liberdade, observando-se o contexto de vulnerabilidade em que estes adolescentes estão inseridos. Vulnerabilidade social pode ser entendida como a exposição do adolescente a fatores de risco que corroboram para que este possa ser prejudicado em seu desenvolvimento (Marinho, 2013). Estes fatores podem ser encontrados nos mais diversos âmbitos da vida do jovem, destacando-se como riscos para o envolvimento infracional, por exemplo, a evasão e a defasagem escolar, violência, usos de drogas por familiares, pouco acesso a bens materiais, dentre outros.

Diante deste cenário, realizamos o recorte de análise do adolescente em conflito com a lei como objeto de estudo desta proposta de pesquisa. Entendemos que as particularidades e condicionalidades destes adolescentes e seu envolvimento com a criminalidade, refletem uma condição pontual, ou seja, uma situação específica que este jovem se encontra por ter cometido um ato infracional. Pode-se entender que este adolescente que se expressa pela via da criminalidade, constitui apenas uma dimensão do fenômeno da juventude, caracterizada por sua diversidade e heterogeneidade.

1.2 Panorama geral sobre a juventude

Abordar a juventude implica considerar vários significados e modos do que é ser jovem. Dayrell e Carrano (2014) apontam que a juventude constitui uma etapa específica, que, entretanto, não se reduz a uma transição. É um momento

em que o jovem descobre possibilidades em diversas dimensões de sua vida, ganhando contornos singulares considerando contextos distintos. Os autores destacam que as diferentes condições de classe, raça, cultura, religião, gênero e diferenças territoriais se relacionam na construção das distintas formas de vivenciar essa etapa. Dessa forma, Oliveira e Romagnoli complementam e afirmam que

Pensar a juventude, hoje, implica pensar as diferenças culturais e as desigualdades dos contextos sociais contemporâneos em que se inserem os jovens; implica examinar como essas diferenças e desigualdades se entrelaçam numa trama social dinâmica e mutável, e como afetam, de diferentes modos, os anseios e dilemas vividos na experiência da juventude. Tudo isso produz múltiplas formas de se ser jovem, e torna fundamental compreender os modos pelos quais se constroem e se expressam as diferentes subjetividades juvenis. Dito de outro modo, ser jovem pode apresentar sentidos e significados altamente diversificados no cenário contemporâneo brasileiro, de modo que se tornou comum falar em “juventudes”, no plural, colocando em evidência essa diversidade presente na categoria (2012, p. 152).

Por se tratar de uma população diversificada e numerosa a definição de juventude vem sofrendo mudanças ao longo da história (Dias, 2013). Atualmente o tema juventude tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento a partir de diferentes correntes teóricas e metodológicas, o que tem contribuído para que as pesquisas sobre juventude tenham se destacado tanto no cenário nacional quanto internacional (Trancoso, 2012).

Trancoso (2012) realizou uma metassíntese sobre a produção acadêmica no Brasil envolvendo o conceito de juventude/juventudes. Foram analisadas 189

produções compostas por teses, dissertações e artigos científicos que foram publicados no período de 2007 a 2011. O autor conclui que se faz necessário relevar a variedade de significados atribuídos a este objeto. Isso reflete um fenômeno complexo e heterogêneo sendo necessário um vasto arcabouço teórico e metodológico para apresentar e conceituar a juventude.

Trancoso e Oliveira (2014) propõem uma reflexão crítica sobre os efeitos produzidos por estudos que preconizam uma análise do fenômeno da juventude a partir de seus processos biológicos, sendo necessário considerar também os processos humanos, sociais, históricos e culturais que atuam sobre o fenômeno fornecendo subsídios para ações e políticas públicas voltadas aos jovens.

Nesse contexto a Psicologia ainda tende a trabalhar com a noção de adolescência a partir de uma análise individualista que parte do sujeito particular e responsável por seus processos de transformação (Dayrell & Carrano, 2014). Como uma perspectiva alternativa a essa visão mais tradicional optamos por compreender a juventude como “uma construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos históricos e sociais, foi adquirindo denotações e delimitações diferentes” (Dayrell & Carrano, 2014, p. 109).

Assumimos para o presente estudo a proposta de que a juventude deve ser entendida em seu aspecto transitório e heterogêneo enfatizando sua diversidade social, econômica e cultural, fazendo-se necessário uma compreensão de diferentes juventudes (Veriguine, Basso & Soares, 2014).

1.3 A juventude brasileira

De acordo com o Estatuto da Juventude, no Brasil são cerca de 51 milhões de jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos que representa 26,4% da população (Lei nº 12.852, 2013). Dentro desse parâmetro, a população total de jovens é dividida em 3 subgrupos: o jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos; o jovem-jovem, cuja faixa etária é entre 18 e 24 anos, e o jovem-adulto, entre 25 e 29 anos (Brasil, 2013).

Para Silva e Andrade (2009) a população numerosa de jovens na atualidade e suas condições sociais presentes explicam a atenção especial sobre os problemas que afetam, influenciam e mobilizam os jovens brasileiros. As pesquisas oficiais referentes à juventude brasileira apontam como principais indicadores sociais os índices de trabalho, educação, violência, saúde, entre outros (Souza & Paiva, 2012).

Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013) indicam que para os jovens cuja faixa etária era entre 15 e 17 anos a porcentagem de ocupação foi de 25,3%. Nessa idade espera-se que o jovem ainda frequente a escola. Dados do ano de 2013 indicaram que 65,4% do número total de jovens apenas estudavam 18,8% exerciam funções laborais e escolares concomitantemente, 6,5% apenas trabalhavam ao passo que 9,4% não estavam trabalhando nem estudando. Entre os jovens que possuem idade entre 18 e 24 anos, a taxa de ocupação era de 62,1% e entre os que somente trabalhavam 47,3%.

Mandelli, Soares e Lisboa (2011) apresentaram dados de pesquisas realizadas por entidades públicas e institutos de pesquisa referentes à realidade

educacional e de inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho. As autoras apontaram que os jovens que ingressam precocemente no mercado de trabalho acabam deixando os estudos, o que é mais recorrente no ensino médio. De acordo com este estudo 36,6% dos jovens brasileiros ingressaram no mercado de trabalho entre 10 e 14 anos, e 24,2% fizeram entre 15 e 17 anos, indicando que parte dos 60,8% de jovens que ingressaram no mercado ainda está em idade escolar. Entre os jovens com idades entre 14 e 29 anos, 82% daqueles que possuem renda familiar per capita menor que 40% do salário mínimo trabalhavam e estudavam simultaneamente. A partir desses dados, podemos inferir que os estudantes com rendas mais baixas estão em situação de defasagem escolar, podendo ser tanto por consequência de sua entrada precoce no mercado de trabalho quanto pela evasão escolar (Lisboa & Welter, 2009).

Pesquisa realizada por Cardoso (2012) mapeou a educação formal e a inserção profissional de jovens brasileiros e revelou que 5,3 milhões de jovens representando uma parcela de 19,5% do total de jovens com idades entre 18 e 25 anos naquele momento estavam fora do mercado de trabalho, da escola e não estavam à procura de emprego. O autor analisa que a realidade de grande parte dos jovens brasileiros no mercado de trabalho está próxima a uma instabilidade não linear, ou seja, não se constitui na predominância de uma passagem para o trabalho após o término da escolarização básica.

Considerando diferenças socioeconômicas em que vivem os jovens brasileiros, os jovens ricos mostram indicadores educacionais mais favoráveis. Ao analisar a número proporcional de jovens frequentando o ciclo correto para sua idade, no ano de 2012, 73% dos jovens ricos cuja faixa etária é entre 15 a 17

encontram-se no ensino médio enquanto apenas 42% dos jovens pobres estão na mesma situação. Além disso, 35% dos pobres entre 15 e 17 anos de idade estão inseridos no ensino fundamental ao passo que esta proporção alcança apenas 10% dos jovens ricos (Secretaria Nacional de Juventude, 2014).

Melsert e Bock (2015) analisam que as condições socioeconômicas que vivem os jovens brasileiros são muito desiguais. Isso reflete nas desigualdades de acesso desses sujeitos ao estudo e a inserção no mercado de trabalho formal. Nesse contexto, os jovens pobres entram precocemente no mercado de trabalho, geralmente em condições precárias e informais de trabalho e muitas vezes são obrigados a abandonar a escola. Os jovens de camadas mais ricas, por sua vez, podem se dedicar exclusivamente aos estudos e a qualificação profissional por períodos mais longos, o que ocasionará no acesso ao ensino superior e, logo, na ocupação de cargos melhores de trabalho (Melsert & Bock, 2015).

Nesse sentido, o convívio com situações de privação e vulnerabilidade contribuem para a constituição de uma das faces da juventude brasileira. Os jovens de classe popular desenvolvem modos de se relacionar e de pensar a partir de conceitos que elaboram sobre elementos do cotidiano. Diante desse panorama geral, observar os modos de pensar desta parte da juventude permite compreender o cotidiano destes jovens como expressão de suas condições de vida, bem como conhecer as escolhas e condutas que adotam e os conceitos que compartilham como forma de manifestação dos processos adaptativos e de resiliência às situações de vida que estão submetidos.

1.4 Teoria das Representações Sociais

Esta proposta de estudo terá como eixo central de suas reflexões a Teoria das Representações Sociais (TRS) formulada por Serge Moscovici. Pretendemos através da teoria contribuir para ampliar a compreensão de questões relacionadas ao adolescente autor de ato infracional. A escolha desse referencial teórico ocorreu em razão de estarmos lidando nesse estudo com a dimensão simbólica elaborada por jovens sobre tais adolescentes.

A Teoria das Representações Sociais foi proposta por Moscovici, em 1961, a partir de sua obra *La psychanalyse, son image et son public*. Tal teoria surgiu como uma nova abordagem no campo da Psicologia Social tradicional de caráter individualista, buscando redirecionar e introduzir um enfoque mais sociológico promovendo a interface entre psicologia e sociologia. A mudança proposta por Moscovici refere-se a um enfoque nos processos cognitivos como imagens, ideias, crenças e conceitos numa perspectiva psicossocial, como um conhecimento compartilhado (Castro, 2011).

Serge Moscovici construiu uma teoria que pretendia justamente legitimar o saber social, advindo do senso comum e decorrente da interação social cotidiana. Esse saber foi por ele conceituado de representações sociais, e é entendido como o conhecimento a partir do qual indivíduos e grupos compreendem o mundo que os rodeia, e criam possibilidades de lidar com problemas nele identificados (Castro, 2011).

Carvalho e Arruda (2008) consideram que as representações, moldam o conhecimento do senso comum, possibilitando a interação entre os indivíduos e entre as coisas, elas se localizam em determinada região não centralizada

apenas no interior do sujeito, nem apenas no objeto a ser conhecido. Elas estão situadas no “entre” que se estabelece como uma área de incidência e de trocas entre o sujeito e o objeto.

Um dos aspectos centrais da teoria são os conceitos de objetivação e ancoragem que auxiliam na compreensão dos os processos psicossociais de construção das representações. A objetivação retira determinado conceito do seu quadro conceitual científico e o transforma em uma imagem acessível. Para isto, algumas informações acerca deste novo objeto são privilegiadas, enquanto outras são deixadas de lado. Em seguida, estas informações são simplificadas e dissociadas do seu contexto original de produção e associadas à composição do conhecimento do indivíduo ou do grupo (Trindade, Santos & Almeida, 2014). Se por um lado há perda de informação, ocorrido em virtude do processo de simplificação, por outro há ganho de compreensão (Bonardi & Roussiau, 1999).

A ancoragem, por sua vez, está ligada à “incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos, e que lhes são facilmente disponíveis na memória” (Castro, 2011, p.110). De acordo com Trindade, Santos e Almeida (2014) a ancoragem possibilita a integração do objeto de representação a um sistema preexistente, o que permite que este objeto seja denominado e classificado conforme os vínculos mantidos com a inserção social do sujeito. Desta forma, o novo objeto é ancorado, tornando o desconhecido, conhecido, e passa a se integrar a um sistema de categorias já existentes. Assim, a ancoragem “transforma a ciência em um quadro de referência e em rede de significações” (Moscovici, 1961/1976, pp. 170-171).

A ancoragem e a objetivação ocorrem simultaneamente no processo de assimilação da realidade e corroboram a evolução e transformação das representações sociais (Santos & Valente, 2012). Os processos de objetivação e ancoragem têm como função transformar o ameaçador em algo familiar.

Com o desenvolvimento da TRS, o termo “grande teoria” foi instituído para diferenciar os pressupostos básicos de Moscovici de outras abordagens oriundas de seus colaboradores posteriores a ele. Nesse sentido, em Moscovici encontramos os conceitos e premissas gerais responsáveis por delinear o processo de construção de uma representação social, contudo sem a presunção de limitar sua teoria (Almeida, A. M.O., 2009). Com a grande teoria se desdobram três principais vertentes com diferentes perspectivas de investigar e analisar as representações sociais, tendo cada uma delas contribuído com um aporte particular para o desenvolvimento da TRS. A corrente desenvolvida por, de Denise Jodelet, considerada a mais fiel à original, trabalha com uma abordagem culturalista/processual; a segunda, de William Doise, se propõe a uma perspectiva mais sociológica; e a terceira, delineada por Jean-Claude Abric, busca uma compreensão das representações através de uma dimensão cognitiva-estrutural (Galinkin, Almeida & Anchieta, 2012).

A abordagem culturalista/processual de Denise Jodelet dá ênfase aos aspectos sócio- culturais e tem o objetivo de apreender as representações por meio dos comportamentos, práticas sociais e do discurso produzido sobre os sujeitos e objetos. Além disso, utiliza-se da análise de documentos e registros, onde acredita-se que estes discursos, práticas e comportamentos estejam institucionalizados (Almeida, 2005; Teixeira, 2014). Uma das preocupações

centrais desta abordagem é analisar como se dá a gênese e a construção da representação, e trabalhar com os aspectos “constituintes da representação – informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos etc.” (Jodelet, 2002, p. 38)

A abordagem de William Doise, também conhecida como societal, preconiza as relações grupais buscando articular os quatro níveis de análise (intraindividual, enterindividual, intergrupar e societal) no estudo das representações sociais. Ela parte da premissa de que os indivíduos, para funcionar em sociedade, são direcionados por dinâmicas sociais, sejam elas interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais. Embora as análises que utilizam o nível societal para formular explicações sobre as representações ainda sejam minoria na Psicologia Social, inserir este nível permitiria abarcar um espectro muito mais amplo de análise, visto que ele parte do pressuposto “de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos comportamentos dos indivíduos e criam as diferenciações sociais, a partir de princípios gerais” (Almeida, A.M.O., 2009, p. 274)

Já a abordagem estrutural, proposta por Jean-Claude Abric concentra sua atenção no estudo da estrutura das representações, os elementos que a compõe. Realizando uma extensão da grande teoria, Abric propôs a Teoria do Núcleo Central que permite ao pesquisador não somente conhecer o conteúdo da representação, mas sua estrutura e a forma como seus elementos se relacionam (Sá, 1998). De acordo com esta abordagem, a representação social é composta de um sistema constituído pelo núcleo central da representação, que é mais

rígido, mais resistente às mudanças, e pelos demais elementos da representação, que compõem o sistema periférico, que, por sua vez é mais maleável e suporta contradições e mudanças com uma facilidade maior, quando comparado ao núcleo central (Abric, 2001).

Abric (2000) apontou quatro funções desempenhadas pelas representações sociais: (1) função de saber – as representações sociais permitem compreender e explicar a realidade; (2) função identitária – elas moldam e delimitam a identidade e possibilita a proteção da especificidade dos grupos; (3) função de orientação – elas orientam as práticas e os comportamentos; (4) função justificadora – elas permitem que sejam justificadas as tomadas de posição e os comportamentos, depois que eles já foram executados.

Buscaremos, na discussão dos nossos resultados, priorizar a análise da função identitária da representação, tomando por base o pressuposto de que “as representações têm por função situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com o sistema de normas e de valores socialmente e historicamente determinados” (Abric, 2000, p. 28).

Nosso estudo privilegiou a abordagem processual/culturalista, desenvolvida particularmente por Jodelet (2005), que nos permitiu investigar as representações, as suas condições de produção e de funcionamento, considerando seus contextos de relações e experiências em articulação com a cultura em que os jovens vivem.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) vem se estabelecendo e se expandindo ao longo dos anos como um importante campo de investigação,

sendo utilizada como aporte teórico não apenas no âmbito da Psicologia Social onde teve sua origem, mas também por outras áreas do conhecimento, principalmente no campo das Ciências Humanas (Lemos, Costa & Lima, 2013; Palmonari & Cerrato, 2011). No campo da Psicologia Social podemos destacar diversos autores que têm utilizado a Teoria das Representações Sociais para embasar pesquisas sobre juventude e temáticas relacionadas a essa população (por exemplo, Martins, Trindade, Menandro & Nascimento, 2014; Paixão, Almeida & Lima, 2013; Santos, Félix & Moraes, 2012). Outros autores também utilizaram a teoria para propor reflexões específicas sobre as representações sociais de adolescentes em conflito com a lei (Galinkin, Almeida & Anchieta, 2012; Leal, Campelo, Araújo & Lustosa, 2015; Nascimento, Howat-Rodrigues, Rosa & Pompeu, 2012; Souza & Barcelos, 2013).

Quiroga e Vitale (2013), em seu estudo sobre o adolescente e suas representações sociais destacam que conhecer os modos de pensar da sociedade em determinados contextos é de suma importância para a compreensão do que pensam os jovens sobre a adolescência e o próprio adolescente, uma vez que essas concepções serão propiciadas por meios orientados pela sociedade. Os autores afirmam que ao identificarmos as representações sociais do adolescente, sabendo que elas têm "como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa" (Moscovici, 1978/2013, p. 46) estaremos tornando familiar algo desconhecido "transformar palavras não familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais" (Moscovici, 2013, p. 46). Dessa

forma, optamos pela TRS por permitir o acesso às imagens, ideias e valores dos jovens sobre adolescente em conflito com a lei.

Este estudo se propôs a abordar o fenômeno da juventude a partir das representações e práticas sociais dos jovens, analisando os modos de pensar da juventude como um resultado de mudanças externas como processos políticos, históricos, culturais e educacionais a que estes vivenciam bem como os fatores subjetivos percebendo como cada jovem internaliza tais questões a partir de suas experiências. Assim, partimos da premissa de conhecer os modos de pensar o adolescente autor do ato infracional de um grupo de jovens de classe popular, jovens esses que não se expressam pela via da criminalidade, mas pela busca da inserção no meio acadêmico através de um curso pré-vestibular popular. Priorizamos apreender o modo que este jovem elabora seu pensamento sobre este objeto por tratar-se de juventudes com realidades próximas, mas que se expressam de maneiras distintas.

Com base na literatura apresentada, constata-se que são jovens que possuem um perfil com características sociais e econômicas similares. A proximidade entre os grupos de jovens de classe popular e os adolescentes autores de ato infracional, perpassa os contextos de pobreza e vulnerabilidade em que ambos vivenciam, principalmente em relação aos territórios em que estão inseridos. Diante disso, nosso objeto de investigação trata-se das representações sociais construídas por jovens de classe popular a respeito do adolescente autor do ato infracional do sexo masculino, que como já exposto, compõe de forma majoritária o sistema socioeducativo. Entendemos que é preciso nos reportarmos a esses jovens a fim de que se encontre uma compreensão aprofundada sobre a

adolescência e a criminalidade, considerando que estes os veem por um ângulo próximo e estão entrelaçados pela mesma realidade social.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Identificar e descrever as representações sociais de jovens de classe popular sobre adolescentes autores de atos infracionais.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as características físicas e comportamentais atribuídas pelos jovens ao adolescente autor do ato infracional;
- Verificar o que os jovens pensam sobre as motivações do adolescente ao cometer o ato infracional;
- Conhecer quais medidas os jovens pensam que devem adotadas em relação aos adolescentes autor do ato infracional;
- Identificar como os jovens caracterizam o contexto em que o adolescente autor do ato infracional está inserido.

3 MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa propõe um enfoque

sobre os significados subjetivos e sociais relacionados aos fenômenos. Preconiza-se o foco na pessoa através de suas percepções, conhecimentos e vivências relacionados aos fenômenos a serem investigados (Flick, 2004).

Consideramos a escolha do método qualitativo apropriado aos objetivos propostos neste estudo, tendo em vista que nos propomos a investigar sobre qual e porque é construída determinada imagem sobre o adolescente autor do ato infracional, e discutir quais elementos inseridos nestas representações são individuais e quais possivelmente são compartilhados pelo grupo que não se encontram nesta condição. O delineamento escolhido possibilitou estudar este fenômeno, com vistas a alcançar um saber mais abrangente e detalhado dos processos, práticas e representações existentes nos cenários pesquisados (Creswell, 2007; Flick, 2009).

3.1 Participantes

A seleção dos participantes para este estudo ocorreu por conveniência e acessibilidade tendo em vista os objetivos da pesquisa. Fizeram parte deste estudo 20 jovens do sexo masculino e feminino estudantes de dois cursos populares preparatórios para vestibular da Grande Vitória no ano de 2016 com idades entre 18 e 24 anos¹.

¹ É importante ressaltar que tomaremos a definição de Juventude de acordo com os critérios etários do Estatuto da Juventude vigente no Brasil - Lei 12.852/2013 que define jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Este instrumento determina que os direitos dos jovens como trabalho, saúde, cultura e educação, sejam garantidos e concedidos através do Estado Brasileiro (Lei nº 12.852, 2013).

3.2 Local

Para a realização da coleta de dados foram escolhidos dois cursos populares preparatórios para vestibular localizados na Grande Vitória, são projetos sociais organizados por movimentos colaboradores voluntários e movimentos sociais que atendem adolescentes e jovens de baixa renda familiar per capita e oriundos de escolas públicas, objetivando oferecer aulas gratuitas de preparação para os processos seletivos de diversas universidades.

3.3 Instrumento

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista norteada por um roteiro estruturado composto por questões abertas, inspirado a partir do instrumento criado por Bonomo (comunicação pessoal, s/d). Inicialmente, o roteiro solicitou informações referentes à caracterização socioeconômica do jovem como sexo, idade, escolaridade, profissão, estado civil, cidade em que mora, bairro, renda mensal familiar e curso que pretende realizar. Em seguida, o roteiro apresentou uma situação fictícia em que o sujeito lê uma notícia de jornal sobre o cometimento de um ato infracional realizado por um adolescente. Por último, abordamos as questões discursivas que focalizaram os seguintes núcleos de informação: a) ato cometido e motivações; b) caracterização do adolescente autor do ato infracional e do contexto que está inserido; c) medidas utilizadas e sugeridas como responsabilização do adolescente em conflito com a lei; d) sentimentos relacionados ao adolescente; e) concepções de futuro. A utilização deste instrumento teve como objetivo conhecer e compreender o que pensam os

jovens dos cursos populares preparatórios para vestibular sobre os adolescentes autores do ato infracional.

3.4 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada a partir de um contato prévio com os coordenadores dos cursos, os quais disponibilizaram prontamente a utilização do espaço das escolas para a realização das entrevistas e autorizaram a participação dos estudantes. A coleta foi realizada nos dias de funcionamento dos cursinhos que aconteciam todos os sábados de 08:00 às 18:00 horas.

Após a liberação dos coordenadores, foram selecionados os estudantes que voluntariamente participaram da entrevista de acordo com os critérios de inclusão supracitados. As entrevistas individuais aconteceram em uma sala previamente reservada. Para auxiliar a gravação das entrevistas que posteriormente foram transcritas foi utilizado um gravador digital.

No momento da entrevista, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE que posteriormente foi disponibilizado e assinado pelo participante. Durante a realização da entrevista foi enfatizada a possibilidade da publicação do estudo e que seria resguardado o anonimato aos participantes. Cada entrevista teve a duração de aproximadamente 20 a 30 minutos.

A pesquisa desenvolvida teve como premissa respeitar todos os critérios éticos estabelecidos para estudos com seres humanos de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (atualização da resolução 196/96

do Conselho Nacional de Saúde) e a Resolução n.º 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia. Para a efetivação da pesquisa, houve ainda a permissão do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CAAE: 56619516.0.0000.5542/ Número do Parecer: 1.629.356).

3.5 Procedimentos de análise

Após a realização da coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas de forma literal a partir de uma escuta criteriosa dos áudios gravados. A fim de garantir o anonimato dos entrevistados, atribuímos pseudônimos aos entrevistados que fazem referência a cantores e cantoras de rap nacional cuja trajetória de vida se assemelha a dos participantes por também serem, em sua maioria, jovens de periferia que encontraram no rap uma ferramenta de mudança social e uma alternativa de expressarem a realidade em que vivem.

As informações referentes à caracterização geral dos jovens contidas no início do questionário foram apresentadas em formato de uma tabela demonstrativa dos participantes. Em seguida, os dados foram apresentados e analisados a partir da análise fenomenológica proposta por Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), almejando alcançar uma narrativa sobre o adolescente autor do ato infracional. De acordo com Coutinho (2008) tal método é proposto buscando significar os fenômenos particulares das experiências vivenciadas pelos indivíduos, de modo a alcançar as definições e explicações fornecidas por estes.

Os dados foram analisados conforme as cinco fases indicadas por Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007). Na primeira fase houve a

transcrição literal da entrevista pela própria pesquisadora, levando sempre em consideração a fidedignidade da expressão das emoções dos participantes. Além de literal, a transcrição foi feita integralmente, sem a ocultação de partes que, inicialmente poderiam ser consideradas irrelevantes. Após a transcrição, realizou-se leitura integral e exaustiva das entrevistas, a fim de identificar as unidades de significado que emergiam das falas. Através do encontro de temas comuns presentes nos relatos dos entrevistados que convergiam com os objetivos específicos deste estudo, foi possível identificar 5 unidades de significado. São elas:

a) *Motivações relacionadas ao ato infracional – ato cometido*

Motivações pessoais: influência de aspectos da vida pessoal do adolescente que contribuíram para que cometesse um ato infracional.

Motivações contextuais: influência da interação do adolescente com os aspectos do contexto psicossocial que está inserido que contribuíram para que cometesse um ato infracional.

b) *Características do adolescente autor de um ato infracional*

Físicas: caracterização física do adolescente (cor, altura, peso, idade, modo de vestir, cabelos, entre outros).

Comportamentais: caracterização do modo de se comportar do adolescente (personalidade, sentimentos, atitudes, entre outros).

Ocupação: aspectos da rotina do adolescente e como se ele se relaciona com os espaços que frequenta.

Justificativa psicossocial: concepções sobre a influência das características físicas, comportamentais e de sua rotina em suas vivências e atitudes.

c) *Características contextuais*

Contexto territorial: concepções sobre os espaços frequentados pelo adolescente e concepções sobre o território em que reside.

Contexto familiar: caracterização da família do adolescente e como se relacionam.

d) *Medidas adotadas em relação ao adolescente autor de ato infracional*

Medidas atualmente adotadas: concepções sobre a atuação da polícia e governo frente ao adolescente autor de ato infracional.

Medidas sugeridas: sugestões relacionadas a modos de responsabilização do adolescente pelo ato cometido.

e) *Futuro do adolescente autor de ato infracional*

Todas as concepções relacionadas ao futuro do adolescente.

Na terceira fase, as entrevistas foram reorganizadas de acordo com as unidades de significado. As falas correspondentes às unidades foram extraídas e alocadas cada uma dentro de sua unidade correspondente, respeitando a transcrição literal. Em seguida, com foco no fenômeno observado, realizou-se a padronização da linguagem, condensando o conteúdo da fala do entrevistado e convertendo seu relato da primeira para a terceira pessoa. Alguns fragmentos foram mantidos no seu formato original por serem considerados autoexplicativos.

Na última fase as unidades de significado foram organizadas e transformadas em 20 estruturas individuais, buscando integrar detalhadamente todos os temas identificados no relato dos entrevistados, sendo as falas literais evidenciadas através do uso de aspas e fonte itálica. Em seguida, foi realizada a condensação e sintetização destas estruturas em um texto único, nomeado como Estrutura do Grupo. A ordem de exposição das temáticas tratadas (unidades de significado) nesta estrutura final seguiu a mesma das perguntas apresentadas no instrumento de coleta, organizadas em consonância com os objetivos específicos propostos para este estudo. Os dados tratados foram analisados à luz da Teoria das Representações Sociais.

4 RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Os participantes da pesquisa serão apresentados através de nomes fictícios garantindo-lhes o anonimato. A ordem de apresentação dos participantes

disposta na tabela demonstrativa abaixo ocorreu de acordo com a sequência das entrevistas realizadas.

Os participantes possuem idades entre 18 a 24 anos, em relação ao sexo foram entrevistados 4 jovens do sexo masculino e 16 jovens do sexo feminino. Sobre o grau de escolaridade 5 jovens ainda estão cursando o Ensino Médio, 14 possuem Ensino Médio completo, entre estes 2 possuem Ensino Técnico Profissionalizante e 1 jovem está cursando o Ensino Superior. Apenas as 2 jovens que possuem Ensino Técnico profissionalizante estão exercendo alguma atividade profissional, os demais estão desempregados. No que concerne o estado civil, todos os participantes eram solteiros.

Em relação as cidades e bairros em que os participantes moram, observa-se que 14 jovens residem na Serra, destes 7 residem no bairro Jardim Carapina, 1 no bairro Planalto Serrano, 1 em Carapina, 1 em Carapina Grande, 1 em André Carloni, 1 em Barcelona e 1 em Serra Dourada. Entre os 3 jovens que residem em Vitória, estes residem nos bairros Vila Rubim, Goiabeiras e Morro do Quadro. Os 2 participantes de Cariacica residem em Flexal II e Nova Canaã, e o participante de Vila Velha mora no bairro Ilha dos Bentes.

Quanto ao nível socioeconômico dos participantes, o grupo é constituído por jovens de classe popular com renda familiar mensal entre R\$ 880,00 e R\$ 3.000,00. Sobre os cursos que os jovens pretendem realizar ao ingressar na universidade, observa-se que há um interesse maior pelas áreas das ciências humanas e ciências biológicas e da saúde.

Quadro 1. Caracterização dos participantes

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Cidade em que mora	Bairro	Renda mensal familiar	Curso que pretende realizar
Thayde	Masculino	23	Superior Incompleto	Não Possui	Solteiro	Vitória	Vila Rubim	2.000,00	Educação Física
Flora	Feminino	18	Médio Incompleto	Não Possui	Solteira	Serra	Planalto Serrano	1.500,00	Ciências Biológicas
Karol	Feminino	22	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	1.600,00	Administração
Lurdez	Feminino	20	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	1.600,00	Odontologia
Lunna	Feminino	23	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	2.000,00	Medicina Veterinária
Soffia	Feminino	21	Médio Incompleto	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	1.500,00	Gastronomia ou Direito
Amanda	Feminino	19	Médio Incompleto	Não Possui	Solteira	Vila Velha	Ilha dos Bentos	2.500,00	Pedagogia ou História
Dryca	Feminino	24	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	1.800,00	Letras
Li	Feminino	23	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Jardim Carapina	2.000,00	Pedagogia
Sabotage	Masculino	18	Médio Completo	Não Possui	Solteiro	Serra	Carapina	3.000,00	Engenharia de Automação ou Educação Física
Leilah	Feminino	18	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Cariacica	Flexal II	1.500,00	Ciências Biológicas
Emicida	Masculino	18	Médio Completo	Não Possui	Solteiro	Serra	Carapina Grande	1.600,00	Geografia ou Comunicação Social

Brown	Masculino	20	Médio Completo	Não Possui	Solteiro	Vitória	Goiabeiras	2.000,00	Direito
Yzalu	Feminino	19	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Carapina Grande	1.000,00	Letras
Gizza	Feminino	18	Técnico Completo	Autônoma (Comercio)	Solteira	Cariacica	Nova Canaã	1.500,00	Direito ou Jornalismo
Stefanie	Feminino	19	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	André Carloni	880,00	Psicologia ou Pedagogia
Tassia	Feminino	18	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Serra	Barcelona	2.000,00	Medicina
Luana	Feminino	19	Técnico Completo	Estágio Técnico em Enfermagem	Solteira	Serra	Jardim Carapina	1.500,00	Enfermagem
Cris	Feminino	18	Médio Incompleto	Não Possui	Solteira	Serra	Serra Dourada	880,00	Pedagogia
Omnira	Feminino	21	Médio Completo	Não Possui	Solteira	Vitória	Morro do Quadro	1.500,00	Direito

O adolescente autor do ato infracional para os participantes – As Estruturas Individuais

A seguir estão apresentadas as 20 estruturas em formato de narrativas que constituem a aglutinação de informações e aspectos relevantes apontados por cada participante em sua entrevista relacionados as suas concepções e experiências sobre o objeto de estudo.

Estrutura 1 – O adolescente autor do ato infracional representado por Thaide

Thaide tem 23 anos, possui ensino superior incompleto cursando o 1º Período de Educação Física em uma faculdade privada. Atualmente não trabalha, é solteiro e reside em Vitória no bairro Vila Rubim. Sua renda mensal familiar é de 2.000,00. Para continuar cursando Educação Física pretende concorrer a uma bolsa através do Programa Universidade para Todos – PROUNI.

O assalto cometido pelo adolescente teve como motivação pessoal o “vício”, ou seja, *“sustentar o vício”* em drogas. Como motivações que influenciaram no ato ocorrido, a *“influência da droga”*, *“as más influências”* e a *“falta de infraestrutura da família”* também são atribuídas como *“fatores que levam a maioria dos adolescente hoje a cometer assalto, tráfico, usar droga”*.

O adolescente autor de ato infracional é *“moreno, baixo, magro, com aspecto de ser mais velho”*. Em relação ao modo de se vestir, é visto como *“mal vestido”*. Se expressa verbalmente por meio de *“muito palavrão, muita gíria”*, possui um comportamento *“mal educado”* e *“trata mal a família”*. De maneira geral, *“não se importa muito com as coisas”*.

Este adolescente *“normalmente não trabalha”* e também não possui uma rotina escolar uma vez *“que largou a escola”*, apenas *“fica o dia inteiro na rua”*, sendo este o espaço mais frequentado por ele. Os fatores que influenciaram em seu envolvimento com a criminalidade são associados ao contexto familiar permeado pela *“rejeição dos pais”* e a *“necessidade da família”*. É considerado um

adolescente que tem a *“mente fraca”* e que se submete a *“influência das más companhias”*.

É *“na favela, nos morros, nos locais de periferia, nos bailes funk, até na rua”* que podemos encontrar este adolescente, sendo *“no morro”* e *“na favela”* os locais que ele provavelmente moraria.

Seu contexto familiar é *“um ambiente conturbado, com desunião”* onde ocorrem *“muitas brigas”*. Possui *“pais separados”*, característica que frequentemente é vista nas famílias destes jovens. O fato de sua *“mãe já não tá aguentando viver essa vida com o filho”*, pode demonstrar que este adolescente possui um convívio mais próximo com sua genitora.

As medidas iniciais adotadas pela polícia para a responsabilização deste adolescente são violentas e agressivas pois *“geralmente a polícia já chega já pegando e batendo, batendo primeiro e perguntando depois”*, e só após, a medida adotada pela polícia é de encaminhamento à delegacia, todavia, este adolescente será liberado em seguida por ser menor de idade.

Em contrapartida as medidas repressivas adotadas pela polícia, uma alternativa a ressocialização do adolescente são as medidas de apoio social como *“dar uma oportunidade de emprego ou uma escola decente, um estágio, arrumar um lugar pra morar um lugar decente talvez”*.

Em relação aos sentimentos manifestos por uma pessoa comum ao se encontrar com este adolescente, somente a *“pena”* é inicialmente demonstrada também por tratar-se de uma pessoa que é *“mal vestida, mal arrumada”*. Estes aspectos contribuem para que ele seja mal visto pela sociedade. Além disso, a solidariedade também pode ser um sentimento manifesto após o sentimento de

pena, como querer *“saber porque que ele tá nessa vida, porque que ele é assim”*. Outros sentimentos como o pré-julgamento seguido de uma preocupação também podem ser manifestos.

Por fim, se ele *“decidir mudar de vida vai ter um bom futuro, um bom emprego, um bom ensino”*. Caso não consiga *“mudar de vida”* ele *“vai preso ou vai cavar a morte dele”*, uma vez que na vida do crime *“só tem esses dois caminhos”*.

Estrutura 2 – O adolescente autor do ato infracional representado por Flora

Flora tem 18 anos, está cursando o 3º ano do ensino médio. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Planalto Serrano. Sua renda mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Ciências Biológicas.

O homicídio cometido pelo adolescente aconteceu por ele *“estar cansado de ver a mãe sendo espancada pelo pai, sendo mal tratada pelo pai”*. As explicações relacionadas ao ato podem ser encontradas no contexto familiar destes adolescentes onde *“acontece muito pai batendo em mãe, aí o filho revolta e acontece essas coisas”*.

O adolescente autor do ato *“fisicamente é negro, 17 anos, franzino”*. É *“tímido, ao mesmo tempo revoltado”* devido *“as coisas que acontecem em casa”*. Ele apenas estuda, não possui um trabalho formal embora tente conseguir *“bicos”* para *“ajudar no sustento da casa, visto que só o pai dele trabalha”*. As justificativas para suas características comportamentais estão relacionadas ao

fato de ser *“pobre e negro”* e a revolta é atribuída a sua mãe que *“fica submissa ao marido”*. Sua timidez é em função dele se sentir *“intimidado com o pai, por bater na mãe dele”* e *“por não poder ajudar porque ele ainda tem 17 anos e ainda não ter conseguido trabalho”*.

Em seus momentos de lazer frequenta *“lugares que joga bola, quadra de esporte”* na *“periferia, favela”*, também podemos encontrá-lo em *“roda de amigos”*. Sua moradia é *“Na periferia, favela”*. É um *“jovem de família pobre, humilde”*.

Em virtude do homicídio ocorrido, inicialmente a polícia *“prende a mãe”* e em seguida encaminhou *“o filho para o Conselho Tutelar”*. Uma medida cabível ao adolescente que comete ato infracional seria *“ajuda psicológica”*.

Os sentimentos expressos por uma pessoa ao encontrar o adolescente que cometeu este homicídio são de pena ou ódio. O ódio sentido pela pessoa é *“Porque ele matou o pai dele”* e a pena *“porque é um menino de 17 anos e ele e mãe ter sido espancados”*.

Após completar *“18 anos ele sai de onde ele fica retido”* e seu futuro poderá ser *“o contrário do pai”* ele irá *“construir uma família, ser um pai exemplar, conseguir um bom emprego e um bom estudo”*.

Estrutura 3 – O adolescente autor do ato infracional representado por Karol

Karol tem 22 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda mensal familiar é de 1.600,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Administração.

O roubo cometido pelo adolescente teve como motivação a *“influência de alguém”* e a influência de seu contexto familiar sendo a *“dificuldade financeira dentro de casa”*, e a *“pressão familiar pra colocar comida em casa”*, as circunstâncias que justificariam o ato. A *“necessidade de dinheiro, pra ter dinheiro pra sair, comprar roupa”* também foram motivações que o levaram a roubar.

Fisicamente é um adolescente *“magro, alto, moreno”*. Apresenta um comportamento *“educado com os amigos, divertido”*, entretanto quando está *“com as outras pessoas, a família”* é *“meio fechado e mais na dele”*. É um adolescente que normalmente *“fica com os amigos na rua”*. As características que ele apresenta são consequência do *“medo da sociedade como eles podem ver, de ser julgado”*.

Podemos encontrá-lo *“Na favela, morro, baile funk”*, sendo *“no morro, na favela”* os locais que ele reside. Trata-se de um adolescente que pertence a *“uma família humilde”* que *“ficou surpresa”* ao saber do roubo ocorrido, pois não esperavam que o adolescente fosse capaz de realizar tal ato.

A atitude tomada pela polícia no momento do roubo foi *“com ignorância”*, *“sem dar moleza pra ele”* porque *“eles são ignorante”*. Entretanto, é necessário que este adolescente tenha *“um apoio do governo”*, para *“não ficar tanto na rua sendo policiado por pessoas que mexe com coisa errada”*, pois *“se tivesse alguma ocupação, a mente não seria tão poluída”*.

Quando uma pessoa se encontra com este adolescente ela sente *“medo, fica meio ressentido assim com medo mesmo”*. Isso acontece *“Porque tá muito comum ver hoje em dia esses jovens de menor assaltar a gente, roubar a gente, por isso que fica com medo”*.

O futuro desse adolescente será em uma *“boca de fumo, vendendo droga, traficando, ou trabalhando numa coisa não muito boa que não dá muito dinheiro”*.

Estrutura 4 – O adolescente autor do ato infracional representado por Lurdez

Lurdez tem 20 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda mensal familiar é de 1.600,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Odontologia.

As principais motivações que influenciaram o adolescente autor do roubo em uma farmácia foram o *“fato de não ter estudado talvez, não ter conseguido um emprego, um estágio”* bem como as *“más influências”* e *“a falta de estrutura familiar e estudantil”*. Também foi motivado *“por querer alguma coisa que os pais não pôde dar pra ele”*.

É um adolescente *“claro, alto, magro”*. Suas características comportamentais são controversas, é um adolescente *“simpático com algumas pessoas”*, entretanto com sua família é *“arrogante, irritado, impaciente”*. Tais comportamentos relacionados a família são *“pelo fato da mãe aconselhar, a mãe e o pai aconselhar pra não tá ficando tanto na rua ou andando com certas pessoas”*, e *“isso pode irritá-lo e fazê-lo ser arrogante e impaciente também”*.

Este adolescente não possui muitas ocupações em sua rotina, ele *“fica muito tempo na rua, não estuda, não trabalha”*. Pode ser encontrado *“na rua, nas*

esquinas próximo de casa” localizadas “num bairro tipo periferia no caso, favela”, lugar onde reside.

Seu contexto familiar é composto apenas pela “mãe com uns 4, 5 filhos que tem que trabalhar e cuidar de todos eles sozinha, e às vezes não tem tempo pra tá acompanhando o filho, saber se tá estudando”.

A polícia atuou neste caso conduzindo o adolescente “pra delegacia pra registrar um boletim”, após ter “abordado, conversado e explicado pra onde ele ia”. Todavia, a medida a ser aplicada deveria ter um caráter mais punitivo como “ser preso junto com todas as outras pessoas que são presa por cometer qualquer crime, assim do tipo assalto, não devia ficar só na unidade de internação. Porque ele tem que pagar pelo que ele fez”.

A pessoa que encontra este adolescente “sente medo”. Esse sentimento ocorre “por causa das características físicas, o estilo, tem pessoas que já apresentam estilo de bandido”. Normalmente, a pessoa tomada pelo medo “já começa a esconder celular, já fica andando um pouco mais rápido” pelo “medo de ser assaltado”.

Provavelmente terá um futuro com “90% de chance de voltar a cometer os mesmos atos que ele cometeu”, ou seja, “roubar de novo”.

Estrutura 5 – O adolescente autor do ato infracional representador por

Lunna

Lunna tem 23 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda

mensal familiar é de 2.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Medicina Veterinária.

O adolescente teve como motivações para cometer atos como homicídio, furto ou roubo, o fato de *“não ter o dinheiro pra fazer algo em casa, comer alguma coisa”*, bem como a influência de *“amigos tentando dinheiro fácil, passando necessidades em casa e optam por pelo dinheiro mais fácil”*. Por essas circunstâncias *“acontecem muitos crimes, furtos, levam até aos assassinatos”*. A falta de oportunidades na vida desse adolescente também é vista como uma justificativa por *“muitos dos jovens não terem, condição de estudo, de esporte pra praticarem”*.

É um adolescente fisicamente *“sempre negro”*, que tem *“aparentemente 14 anos, 13”* tem o *“cabelo cortado, as roupas não tão boas, ruins, magro”*. É *“tirado, dono da verdade, sabe de tudo, sabidão”*. Se comporta de maneira *“desobediente, responde”* e é *“agressivo”*. Em resposta ao fato *“da família não aceitar que ele fique na rua e ele acaba ficando agressivo”* e a *“falta de atenção dos pais”*.

Sua rotina é apenas na rua ou na escola. Pode ser visto em *“qualquer esquina”*, no bairro *“Jardim Carapina tem vários”* adolescentes com essas características, ele *“vai pra escola só pra diversão, zoar, rir da cara dos outros, brincar, depois não quer nada só quer ficar na rua, quer se misturar com gente que não presta”*. Além de Jardim Carapina, reside também na *“periferia, favela, num bairro perigoso”*.

Os adolescentes autores de ato infracional estão inseridos em famílias em que os pais *“trabalham o dia todo”* e por esse motivo *“num participam, não tão*

sempre participando do dia a dia dos filhos”. “ Ou outras vezes os pais são largados na vida, usuários de drogas ou bebidas alcoólicas”.

Nos casos envolvendo adolescentes autores de ato infracional a *“polícia faz o trabalho dela, prende, as vezes bate”*, entretanto, *“a justiça não mantém os jovens presos”*. Uma medida que poderia ser tomada em relação a este adolescente seria *“colocar ele pra estudar o dia todo, só ir pra casa à noite, nos finais de semana”*, proporcioná-lo *“um dia de lazer com a família, um encaminhamento pra um psicólogo, um projeto também na escola”*.

Ao encontrá-lo ocasionalmente *“as pessoas julgam, sentem pena ou raiva”*, mas o sentimento mais comum é pena. Isso acontece por diversos fatores, a pessoa *“pode imaginar que pode ser da família que pode ser um filho ou um parente próximo a ela, poderia ser daquele jeito”*, ou pela *“falta de opções pra esse adolescente estar na escola, praticando um esporte”* ou pensar que *“os pais não têm condições também”*.

O futuro deste adolescente dependerá das *“opções de recuperação”* que ele porventura tenha acesso, caso isso aconteça ele terá *“um bom futuro”*, *“mas se não tiver ajuda de ninguém, um suporte de ninguém, ninguém mostrar o caminho certo pra ele”* ele irá *“continuar no erro”*. Para isso os *“pais, juntamente com o governo, população, escolas, poderiam fazer algo”*.

Estrutura 6 – O adolescente autor do ato infracional representado por Soffia

Soffia tem 21 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda

mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Gastronomia ou Direito.

O roubo cometido pelo adolescente aconteceu *“porque ele tinha um desejo muito grande de ter aquilo porque o outro tem, o amigo tem e acaba que quer ter também”*. Sendo assim, *“por não ter condições financeiras pra comprar aquilo ele foi e roubou”*.

Sua descrição física é de um adolescente *“alto, moreno, cabelo cacheado”* que *“usa blusa regata, bermuda, chinelo”*. É *“calado, na dele”*, em alguns momentos é *“brincalhão com as pessoas da rua”* com o *“pessoal dele tipo de se abrir”* mas *“não com a família”*. Sua única opção de lazer é ficar *“jogando bola”*, ele não frequenta a escola e não possui um emprego, *“só fica na rua”*.

É um adolescente que teve uma infância solitária *“por os pais trabalhar e ele crescer mais sozinho”*. Esta é uma realidade frequente entre os jovens com estas características pois *“hoje em dia a criança acaba crescendo só e fica tipo mais na dele, mais fechada com a família”*. Transita em poucos espaços de sua cidade e em sua comunidade, podemos encontrá-lo em algum *“campo de futebol ou na rua”*. Ele reside em um *“bairro de periferia”*.

Possui uma família de *“trabalhadores”* com *“uma estrutura meio abalada entre o casal”*, são pais que possuem longas jornadas de trabalho e por esse motivo *“ficaram mais focados no trabalho do que no filho”*.

Em relação ao roubo ocorrido, a polícia entrevistou levando-o apreendido. Nesse sentido, outras medidas poderiam ser tomadas em relação a esse adolescente, mas *“depende do caso”*, porque alguns cometem atos infracionais *“só pra chamar a atenção”*, *“tem uns que faz porque gosta mesmo”* e *“eles devem*

ser punido". Entretanto, *"têm outros que tinha que ser cada caso um caso diferente as punições"*, por exemplo, *"no caso de roubo eu acho que deveria ser preso"*, no *"caso de chamar a atenção acho que deveria passar por uma avaliação com o psicólogo pra saber junto com a família o que acontece com ele"*.

Caso aconteça um possível encontro entre este adolescente e uma pessoa comum, o único sentimento direcionado a ele seria pena, visto que ele *"cresceu só"* e *"algumas pessoas pode achar por ele fazer esse tipo de coisa achar que ele é uma pessoa ruim"* e *"às vezes só faz pra chamar atenção mesmo"*.

No que se refere ao futuro deste adolescente, *"alguns reconhece que errou e corre atrás do sonho dele de ter uma vida profissional"*, mas *"nem todos conseguem"*, e por isso *"continua praticando aquele ato ruim"*. *"Outros vai preso provavelmente"*, *"isso se não morrer"*.

Estrutura 7 – O adolescente autor de um ato infracional representado por Amanda

Amanda tem 19 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Vila Velha no bairro Ilha dos Bentes. Sua renda mensal familiar é de 2.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Pedagogia/História.

O autor do roubo é um adolescente que por ter *"mente fraca"* se envolveu com a criminalidade devido aos *"amigos que influenciam muito"*. De maneira geral, são adolescentes que *"roubam pra ter aquilo que basicamente não tem"*. Especificamente neste caso, ele roubou por *"faltar algo em casa"*.

Fisicamente é *“magro, alto”* tem o *“cabelo pintado”* e tem no corpo *“várias tatuagens e piercing”*. Seu comportamento é *“agressivo”* e *“bem largado”*. É um adolescente que faz uso de *“drogas”*, *“dorme até tarde”* e sua única ocupação é frequentar a escola, *“mas quando vai não presta atenção”*, ele *“estuda a noite”* e durante o dia *“não faz nada”*.

Se expressa e vive dessa maneira *“porque não deve ganhar muita atenção dos pais”*, *“as vezes até os pais não sabem que ele faz isso”*, esse foi o *“jeito dele se defender sendo assim”*. É um adolescente que fica *“na rua”*, frequenta *“baile funk”*, e *“shopping”*. Sua moradia está localizada na cidade de *“Cariacica”*. Como seus *“pais são separados”*, o contexto familiar é composto apenas por sua mãe que *“trabalha muito e não tem tempo pra dar atenção pra ele”* e para seus irmãos.

Após o roubo ocorrido, a polícia *“prende ele e levou pra delegacia.”* A medida sugerida para responsabilização deste adolescente é *“ser internado”* em *“casas pra adolescentes de menores”*, e neste local ter a oportunidade de realizar um *“acompanhamento com um psicólogo”*.

A *“revolta, raiva, injustiça”* são os possíveis sentimentos de uma pessoa comum ao encontrá-lo. *“Pelo fato do adolescente roubar uma coisa que não é dele”*, uma vez que *“a pessoa trabalha, luta pra conseguir aquilo”* e *“vem outro e pega ou simplesmente rouba sem saber o quanto ele trabalhou pra conquistar aquilo”*.

Diante disso, o futuro desse adolescente *“pode melhorar”* caso ele consiga *“ajuda o quanto antes”* para *“terminar os estudos”*. *“Mas caso ele não ter ajuda”* seu futuro será *“caixão ou prisão”*.

Estrutura 8 – O adolescente autor do ato infracional representado por Dryca

Dryca tem 24 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda mensal familiar é de 1.800,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Letras.

A principal motivação para o roubo cometido pelo adolescente foi o seu *“vício nas drogas”*. Em um determinado contexto, *“ele queria comprar droga”* para consumo e como não tinha condições para isso, cometeu o roubo.

Aparentemente é um adolescente *“pardo, magro, alto”*. Apresenta um comportamento *“rebelde”* e *“não é educado”*. É um adolescente que não possui muitas ocupações, pois *“só estuda”* e *“não trabalha”*. Ele se comporta dessa maneira devido a *“natureza dele”* e a *“criação também”*, considerando que atualmente é *“difícil de criar um adolescente”* porque *“o pai sai, mãe também”*, *“antigamente a mãe geralmente ficava em casa pra cuidar dos filhos, hoje em dia não tem isso mais, a mãe tem que trabalhar também, aí não sabe nem o que é que tá fazendo”*.

Ele transita em poucos lugares, podemos encontrá-lo apenas *“na rua de casa”* ou na *“casa de amigos”*. Vive *“em bairro mais pobre”*, em um local *“de periferia”*.

Ao chegar ao local do ato a polícia *“abordou o adolescente, viu que tinha alguma coisa errada”* como *“dinheiro, drogas”*, e o *“conduziu pra delegacia”* ou *“algum lugar pra menor”*. Entretanto, este adolescente deveria *“ser preso”* pelo ato

que cometeu, *“não na cadeia comum”, “mas que ficasse lá igual um adulto de certa forma, mas não no meio dos adultos”*.

O único sentimento de uma pessoa relacionado a este adolescente é o medo. Isso se justifica por ele ser um *“infrator”*.

O futuro deste adolescente será o mesmo dos demais que estão envolvidos com a criminalidade, *“se não se regenerar”* ele *“morre”*, ou ficará detido em uma *“cadeia”*, mas *“se regenerar talvez vire um homem de bem”*.

Estrutura 9 – O adolescente autor do ato infracional representado por Li

Li tem 24 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda mensal familiar é de 2.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Pedagogia.

O adolescente que cometeu o roubo teve como motivação pessoal *“comprar as coisas que ele não tem dinheiro pra comprar”*, por exemplo, *“roupa de marca, celular”* e *“comida pra dentro de casa”*. Seu contexto familiar também contribuiu para que ele cometesse o ato, pois ele tem um *“tio que influencia”* e por ser uma família *“que não tem boa estrutura e não tem condições”*, dessa forma *“o filho rouba para ajudar.”*

Ele aparenta ser uma *“criança entre 12 e 13 anos”*, é *“baixo”* e *“negro”*, *“porque falta oportunidade para o negro”*. Embora aparente ser uma criança, possui um comportamento de alguém *“que quer ser adulto, que acha que é dono do próprio nariz e pode fazer o que bem quer”*, também é *“nervoso”* e *“agressivo”*.

Entre os adolescentes autores de ato infracional *“a grande maioria fica na rua”* e *“não vai à escola”*. Apenas à família é atribuído o modo como esse adolescente se expressa, pois, essas características *“vêm da família”* e *“porque o filho é o espelho dos pais”*.

O lugar que ele mais frequenta é a *“pracinha”*, normalmente *“fica na rua o tempo todo”*. Mora em um local de *“periferia”*.

A atuação da polícia em relação ao roubo *“foi batendo”* no adolescente, tendo em vista que ela *“resolve tudo batendo e oprimindo as pessoas”*. Uma medida de responsabilização para este adolescente seria *“prender pra repreender”*, deveria existir *“um lugar para ele ocupar a mente, uma escola ou curso”*, *“porque cadeia não é lugar pra criança”*.

Uma pessoa comum ao encontrar este adolescente *“julga”* o seu ato e *“chama ele de vagabundo”*. Isso acontece porque *“as pessoas julgam pela aparência hoje em dia, as pessoas julgam muito”*.

Por fim, o futuro deste adolescente terá apenas duas possibilidades, a *“morte ou cadeia”*.

Estrutura 10 – O adolescente autor do ato infracional representado por Sabotage

Sabotage tem 18 anos, é aluno do 3º do Ensino Médio. Atualmente não trabalha, é solteiro e reside em Serra no bairro Carapina. Sua renda mensal familiar é de 3.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Engenharia de Automação ou Educação Física.

A principal motivação que levou o adolescente a cometer o assalto foi “o meio social que ele vive”, embora existam “casos e casos”, há “jovens que pensam que a vida do crime é a única solução”.

Isso ocorre porque “hoje muitos adolescentes não têm a oportunidade de estudar que os outros”, como “os jovens de periferia” que não possuem “as mesmas oportunidades que um jovem de que mora em um bairro relativamente nobre tem”. Dessa forma “o jovem e adolescente que rouba não é porque ele quer, mas na maioria das vezes a relação social daquele bairro levou ele pra aquele caminho”.

Suas características físicas são de um adolescente que aparenta ter “15 anos”, “ele tem a pele escura, tem os olhos castanhos”, “uma pessoa bem simples”. Demonstra ser um adolescente “bem brincalhão”, “moleque mesmo de rua, jogador” que “tem o pensamento de no futuro ser uma Neymar da vida”, é “um moleque sonhador”.

Sua rotina é “estudar pela manhã e à noite”, “e a tarde fica na rua brincando”, geralmente de “jogar bola na rua”. Seu comportamento é consequência da maneira como ele se relaciona com o “meio social” em que vive, por ser “uma fábrica de sonhos” e por “crescer na vida só lá dentro, eles acabam se decepcionando” e por esse motivo “eles vão pra outro lado da vida”. Este adolescente pode ser encontrado “nas periferias”. Sua moradia é em uma “rua sem saneamento básico, sem asfalto, sem qualidade de vida”.

Ele possui um contexto familiar onde “provavelmente a mãe é daquelas que sai cedo e só chega de noite” e o “pai que abandona o filho” embora exista

“casos de pai que tá presente, mas é do mesmo tipo da mãe que trabalha e chega só de noite”, seus irmãos são “do mesmo jeito que ele”.

A atuação da polícia em relação ao adolescente após o assalto foi *“agressiva”*, principalmente por ter sido a *“polícia militar”*. Uma medida alternativa a ser adotada para a ressocialização deste adolescente seria a educação, porque *“hoje em dia a educação muda todo mundo hoje em dia o conhecimento muda todo mundo”*, mas para que estes adolescentes tenham acesso à educação é necessário que *“gente lá de cima, político, investir em programas sociais, investir mais em educação, mais qualidade de vida, mais saúde, engatar mais nas periferias”*. Uma vez que enquanto não houver mais investimento em *“projetos sociais, ainda vai haver muitas desigualdades”*.

As *“pessoas que veem ele na rua sentem medo de aproximação”*, elas sentem *“desprezo, não sente pena”*. A justificativa para esse sentimento de medo que o adolescente causa nas pessoas *“depende do lugar”*, *“porque se ele tiver no seu meio dele no bairro dele ele é visto como uma pessoa comum porque isso é normal”*, mas se *“ele tiver num outro bairro, onde tá repleto de pessoas relativamente bem de vida”*, o medo é em relação às pessoas daquele *“meio social tomarem conta do bairro, daquele local”*.

Por fim, é um adolescente que *“tende a piorar”* no futuro, *“porque a nossa educação ainda não tá dando melhoras”*.

Estrutura 11 – O adolescente autor do ato infracional representado por

Leilah

Leilah tem 18 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Cariacica no bairro Flexal II. Sua renda mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Ciências Biológicas.

A principal motivação que levou o adolescente a cometer o furto foi *“a necessidade”, “ele roubou porque precisava”, e também pela “questão de desigualdade”, pois “o jovem de periferia quer ter a mesma coisa que um playboy tem daí ele vai querer ter e não pode ter porque a mãe trabalha, mas não tem a renda pra poder dar ele e ele acaba roubando”*. O lugar onde ele vive também o influenciou a cometer tal ato por *“ser um jovem de periferia”, “ele cresceu no meio disso a realidade dele foi essa”*.

Sua descrição física é de um adolescente *“magro”, que “não é negro, mas não é de pele clara”*. Ele tem um jeito *“bem faveladinho”, usa “boné”, “fala gíria”, tem as características de um “jovem de periferia que fala oi mano”. “É uma pessoa boa, que conversa com todo mundo”. É um adolescente “sem estudo” e por não frequentar a escola, ele “fica mais na rua mesmo”*.

A maneira de se comportar bem como suas características são atribuídas a influência do meio em que ele vive, por exemplo, ele cresceu *“no meio da periferia onde que não é comum ter escola”* e foi *“crescendo daquele jeito”, tendo como referência as pessoas deste lugar para ele “todo mundo faz eu faço também”*.

Podemos encontrá-lo *“mais em favela, periferia”, frequentando “baile funk” e lugares que tocam “rap”, porque “o jovem de periferia não tem muitos lugar pra frequentar”*. Sua moradia é em *“um bairro bem precário, um bairro não asfaltado,*

casa humilde". Em relação a sua família, desde a infância foi *"criado pela mãe"* que é *"viciada em bingo, droga e bebidas alcoólicas"*. Seu pai o abandonou.

Após o furto ocorrido, a polícia chegou no local e agiu *"com agressividade com o jovem"*, *"não quis saber o real motivo já foi botando logo na parede"*. *"A atitude que deveria ser tomada"* em relação a ele *"é ajuda"*, oferecer *"educação também"*, *"tentar ver onde que ele tá"* se ele está frequentando a *"escola, se ele não tá"* porque *"é quase um grito de socorro quando um adolescente chega a cometer um crime"*, considerando que *"ele é uma pessoa sem estrutura"*.

Uma pessoa que encontra com este adolescente sente medo pois *"pensa que vai ser assaltada"*. Isso acontece por ele ser um adolescente negro e por não estar bem vestido *"porque é mais comum você ver pessoas como ele assaltando do que um menino branco que tá com o uniforme de escola e tênis todo arrumandinho"*.

Por ter cometido um furto, seu futuro será a morte, *"porque vai roubando e geralmente os criminosos do bairro não gosta de ladrão e acaba matando os ladrões do bairro"*.

Estrutura 12 – O adolescente autor do ato infracional representado por Emicida

Emicida tem 18 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteiro e reside em Serra no bairro Carapina Grande. Sua renda mensal familiar é de 1.600,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Geografia ou Comunicação Social.

As motivações pessoais que contribuíram para que o adolescente cometesse o roubo estão relacionadas a *“sua classe social, ou cor”, “por ser jovem”* e não ter *“oportunidade de arruma um emprego”*, e ainda por seu consumo de drogas, ele roubou para *“sustentar o seu vício”*.

Em uma perspectiva mais ampla e voltada para o contexto desse adolescente, o que o levou a roubar foi a *“falta de políticas sociais para esse jovem”*, este *“é um problema que vem das autoridades, que eles meio que não se preocupam com isso, então esse é um problema meio que falta de políticas sociais e falta de oportunidades principalmente”*. Outra justificativa está relacionada à sociedade uma vez que ela *“faz isso com as pessoas, ela exclui as pessoas de alguns espaços e colocam outras nos espaços que não são destinados pra ela”*.

É um adolescente que possui como característica física ser *“negro”*, *“porque são esse tipo de jovens que não tem oportunidade ou que são excluídos da sociedade”*, sua idade *“é mais ou menos 13, 14 anos”*, *“negro, ele é magro”*, *“geralmente eles tão vestindo roupas de marca geralmente de boné e de chinelo”*.

Suas características comportamentais demonstram que *“não são uma pessoa ruim, mas que o mundo tornou ele ruim, coisas que ele viu porque ninguém nasce, a gente se transforma nessa pessoa”*, sendo assim *“de acordo com os lugares que ele devia frequentar, ele seria uma pessoa machista, homofóbica”*. É um adolescente *“não sociável querendo mais se enturmar com pessoas que são igual”* a ele.

Ele ocupa seu tempo indo *“para escola, mas a maior parte do dia ele fica na rua, seria mais na rua se envolvendo com coisa que não deveria ou com gente*

assim”. O seu jeito e suas atitudes são influenciados “pelas pessoas que convivem com ele” e “pelo lugar que ele frequenta”.

Os lugares que ele pode ser encontrado são *“bailes funk, vielas, becos”*. Ele mora *“na periferia, nas comunidades, que é aonde tem essa falta de oportunidades essa desvalorização do governo”*.

Possui *“uma família que luta, batalha por ele sair desse caminho, mas que não pode estar perto porque tem que trabalhar”, que “tem problemas sociais, problemas financeiros, tem vários problemas”, “porque enquanto, o filho tá na rua eu tô cuidando do filho do meu patrão”. É “uma família meio que ausente, mas não por opção, mas sim por alternativa”*.

A atuação da polícia neste caso foi *“pegar, botar na parede, abusar das suas autoridades”, para “descontar, a raiva que ele tem porque a polícia tem uma raiva de negro”*. Não procurou *“fazer os devidos processos que deveria fazer que era atuar, pegar, conversar”*.

O que pode ser feito em relação a este adolescente *“é ao invés de excluir, incluir ele na sociedade, ter mais auxílio com as pessoas que realmente precisam que ainda não temos inclusão nas universidades, nas escolas e dar oportunidade de emprego pra que ele possa tá ocupando seu tempo, sua mente com essas coisas invés de tá na rua”*.

É um adolescente que provoca *“principalmente medo, porque é isso que as pessoas sentem quando vê um jovem negro”*. A justificativa para esse sentimento ocorre porque *“a sociedade prega que quem rouba é só essas pessoas desse tipo de característica”*.

O futuro deste adolescente dependerá de suas escolhas, *“se ele continuasse nesse caminho, seria morte, envolvimento com dívida que acontece essas coisas assim”, “ mas se ele queresse mudar ele ia correr atrás e iria vencer na vida, ia conseguir o que ele quer, ia conseguir ter o apoio das pessoas que sofrem o mesmo que ele mas que queria mudar”*.

Estrutura 13 – O adolescente autor do ato infracional representado por Brown

Brown tem 20 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteiro e reside em Vitória no bairro Goiabeiras. Sua renda mensal familiar é de 2.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Direito.

O furto cometido pelo adolescente foi *“uma forma de chamar atenção com coisas erradas”* porque *“às vezes os pais não tão muito presente aí eles acham ou simplesmente o fato de ter uma pessoa que os apoiem e dão atenção que os pais não dão”*. Também teve como motivação *“o fato de ser uma pessoa maleável nas ideias”* e *“porque não teve acesso à educação”*.

É um adolescente fisicamente *“moreno porque teve o fato histórico de ser defasado”, “não tem os dentes, não tem uma higienização boa então não tem os dentes bons”* possui os *“cabelos encaracolados ou pixaim”*, *“usa roupas velhas ou rasgadas”*.

Em relação a maneira como se comporta, é *“uma pessoa mais instável”* que *“entra em conflito diretamente com outras pessoas, por ser ignorada ou porque quer atenção, ele é mais na dele mas se pisar no calo dele ele vai pra*

cima". *"É uma pessoa que ele não mede esforços pra se beneficiar em cima de outros"*. Não possui muitas ocupações, apenas *"fica atoa"* e *"não estuda"* sua única atividade de lazer é *"jogar bola"*.

Seu comportamento é atribuído *"a família"* que não oferece *"estrutura pra ele, ele não tem uma base sólida pra poder se firmar, ele não consegue ficar de pé direito então ele cai na lábia de outras pessoas, influências"*. Outro fator que justifica sua forma de agir é *"ter pessoas que ele vê como ídolo que são aquelas pessoas que cometem atos infracionais que fazem cometer atos infracionais e ser ignorante com as pessoas"*.

Os lugares frequentados por ele são as *"zonas de periferia"*, *"geralmente praças públicas, mas jogado a sua própria sorte"*, ou ainda *"em lares menos favorecidos"*. Sua moradia é em *"favelas, bairros mais periféricos"*, como os bairros *"São Pedro"* e o *"Centro"* na cidade de *"Vitória"*.

Possui uma *"família humilde como a maioria, pais negligentes"*, *"o pai trabalha o dia inteiro aí tem o salário bom, tem uma família muito boa"*, mas que não dedica *"carinho, afeto"*, e por isso *"ele procura em outras pessoas que lhe dão esse tipo de afeto que ele acha que é melhor"*.

Sobre o furto, a atuação da polícia com o adolescente foi através de *"agressões físicas"*, *"porque ninguém tá vendo o que a polícia tá fazendo"*, *"a polícia não tem surtido muito efeito"*. O que pode ser feito em relação a ele é levá-lo *"retido pra ir pra um lugar pra ele ver os atos que ele tava cometendo"*, pois deve haver *"uma punição porque ninguém sai impune"*. *"Não ficar solto"*, levá-lo para *"um lugar que ele comece a aprender alguma coisa, um lugar que tenha uma*

escola um colégio meio que interno aí ele vai estudar o dia inteiro e volta pra casa dos pais e também teria que ter um acompanhamento junto com a família”.

A pessoa que se encontra com este adolescente sente pena e raiva, *“porque tá vendo ele fazendo uma coisa errada acha que a culpa é só dele”. O que gera esses sentimentos “é o meio que ele está”. “Ela pensa no filho ou na pessoa próxima dela tá fazendo aquelas coisas e também pelo fato dela pensar que pode acontecer com ela ou com um parente próximo aí ela fica perturbada quando vê a pessoa naquela situação”.*

As expectativas para o seu futuro dependerão de sua mudança, pois *“se ele não mudar de vida o que acontece geralmente ou ele é preso aí ele evolui lá dentro como uma pessoa ruim e volta pra fora pra fazer mais coisas ruins, aí ele volta lá pra dentro e fica nesse vai e vem, até que um dia ele morre por algum policial, alguma facção que ele tenha contra vai se sentir ameaçado e vai atacar. Caixão ou prisão”.*

Estrutura 14 – O adolescente autor do ato infracional representado por Yzalu

Yzalu tem 19 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteiro e reside em Serra no bairro Carapina Grande. Sua renda mensal familiar é de 1.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Letras.

O assassinato cometido pelo adolescente teve como motivação pessoal o *“acerto de contas entre uma gangue e outra”, e “a briga pela boca”* que ele faz parte. Isso ocorre devido à *“luta do tráfico de drogas, porque ela é muito intensa e*

ela muitas das vezes leva os jovens e adolescentes a tomarem esse tipo de atitude que é matar, roubar pelo tráfico”.

Ele é um adolescente *“negro, magro, bem magro, cabelo bem baixinho, raspado”, usa “chinelo, bermuda larga de tael bem estampada e camiseta regata de alguma marca Ciclone”.* É extrovertido e na maioria das vezes aberto ao contato com as pessoas, *“ele cumprimenta todo mundo”, “às vezes sério, mas muito solto”, “anda muito pelo bairro, ele conversa muito e às vezes ele não vai conversar”, “é muito solto assim na sociedade, ele brinca, ele anda com todo mundo, ele ri”.*

Sua rotina é voltada ao *“trabalho dele no tráfico”, “ele dorme até tarde”* e sua única atividade de lazer é *“jogar bola”, “às vezes fica um tempo com a família, com a mãe”* e com os *“irmãos, filhos e depois faz o trabalho dele de novo”.*

O fato de ele ter se envolvido com o tráfico de drogas *“não é uma opção”,* mas uma alternativa de ganhar dinheiro, pois *“às vezes ele pensa, agora eu vou ter dinheiro pra comprar isso, ajudar minha mãe e minha irmã, mas no final ele acaba meio que se perdendo”* outra justificativa para o seu envolvimento é o vínculo *“com a comunidade que é o lugar onde ele cresceu”,* local que ele se sente acolhido, que o faz sentir *“que ali tá os velhos amigos, ali tá a família”.* Ele pode ser visto em *“bairros bem periféricos”* e em *“baile funk”, “nas praças”,* às vezes fica *“na porta de escola também”,* ele mora *“na favela”.*

Sua família é composta pela *“mãe provavelmente doméstica ou que trabalha muito mesmo, garçoneiro”, “mãe solteira”* que *“não queria saber dos filhos”.* Possui *“muitos irmãos 4, 5, 6 por aí vai”.* O pai *“tem problemas com álcool”* e por isso *“bateu na mãe”,* são famílias normalmente compostas por *“um pai ou*

uma mãe solteira, ou os dois juntos que sempre viveram em conflito e muitos irmãos”.

Após o assassinato, a polícia agiu de maneira *“super ignorante, xingando, ofendendo as pessoas”, “porque todas as vezes que a polícia chega tentando apaziguar alguma coisa” é “sempre assim, tudo muito bruto, muito violento, batendo nos meninos, uns nomes muito grosseiro, como se fosse um monte de cachorro”.*

As medidas necessárias para que esse adolescente seja possa ser ressocializado seria o investimento *“na cultura”, e na “educação”,* porque atualmente *“a educação tem uma falha que de alguma maneira ela não consegue resgatar essa pessoa”,* tentar *“resgatar aquele adolescente antes dele ir embora, abraçar aquele adolescente antes dele ir”.* Entretanto, o que normalmente acontece são *“pessoas desistindo desse adolescente”* quando sabem da sua *“família desestruturada”,* mas *“a culpa não é dele, a culpa é toda de um sistema, toda uma questão histórica,”* por isso *“que a cultura e a educação deveria abraçar esse adolescente”.*

Ao se encontrar com esse adolescente algumas pessoas *“sentem pena, outras sentem pavor, outras sentem ódio”.* O fato de existir parte da mídia que os coloca como *“muito violentos”* contribui para que estes sentimentos sejam provocados nas pessoas, a *“pena porque ele sabe que o final daquele adolescente é a morte assim, muito cedo muito precoce”* e *“o ódio porque acaba roubando, matando, como foi o caso da notícia”.*

Por fim, é um adolescente que *“não vai ter um futuro, que ali acabou”*, o que pode acontecer é ele *“ficar preso por toda a vida e vai morrer na prisão”*, *“ou ele vai morrer pelo tráfico de drogas”*.

Estrutura 15 – O adolescente autor do ato infracional representado por Gizza

Gizza tem 18 anos, possui Ensino Médio e Técnico completos. Trabalha como autônoma no comércio, é solteira e reside em Cariacica no bairro Nova Canaã. Sua renda mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Direito ou Jornalismo.

A motivação que *“faz uma pessoa roubar, principalmente se for uma adolescente”* está relacionada ao seu envolvimento com o tráfico e o consumo de drogas, neste caso o adolescente roubou porque tinha *“uma dívida referente ao vício”* em drogas.

É um adolescente caracterizado fisicamente como *“preto, sujo”*, veste roupas que *“também estarão sujas”*. Ele *“não é uma pessoa ruim”*, mas é *“uma pessoa carente”*, que *“sente falta de alguma coisa”*, *“pode ser economicamente falando ou na questão de sentimento”*, *“uma carência”*.

Sua rotina é baseada em *“arrumar um jeito de sustentar o vício, mais nada”*. Porque adolescentes que estão envolvidos com o tráfico *“geralmente não estudam, não tem outro tipo de assistência em relação a essas coisas, então pra estar nessa situação ele não faz nada, é aquela vida, sempre aquilo, roubando para sustentar o vício”*.

O que justifica seu comportamento é a *“falta de afeto”* e *“as outras estruturas”* porque talvez ele não tenha *“uma pessoa”* que o *“cobre”*, ou *“não tem um incentivo pra estudar”*, e assim, *“vai juntando uma coisa à outra”*, não tem *“uma estrutura educativa, não tem o afeto, e é o que faz ele ser carente”*.

Ele pode ser encontrado *“na periferia, geralmente em qualquer lugar da rua”*, *“nos grandes centros urbanos”*. *“Estando em Vitória, o Centro, por exemplo, é um lugar onde a gente vê com facilidade”* e também em *“qualquer outro morro é um lugar que a gente vê com facilidade”*, normalmente ele frequenta *“lugares onde tem uma facilidade com drogas”*, *“na periferia”*.

Possui *“uma família ausente na questão do afeto e na questão da economia também, uma família pobre”*, que *“precisa se ausentar em algum momento da criação desde criança ou neném”* e isso *“distancia a relação entre mãe e pai, por exemplo, e o filho que faz com que ele seja isso”*. É *“uma família mal estruturada”* que *“precisa se manter de alguma forma”*, e *“acaba se mantendo de uma forma bem difícil”* o que dificulta que este adolescente receba de sua família *“amor”* e *“educação”*.

As abordagens da polícia são *“super violentas”*, neste caso envolvendo o adolescente a polícia o levou *“para um instituto, onde os tratamentos quando eles ficam detidos não são lá os melhores, não são bons”* e por isso *“a intenção de ressocializar acaba não acontecendo, o que só piora”*.

O que deve ser feito para que de fato esse adolescente seja ressocializado é um *“processo de melhoria nas políticas públicas, pra que os fatores que contribuem que ele se torne esse jovem passam a não existirem mais ou serem raros pra depois pensar no que se deve fazer com o adolescente”*. *“Porque os*

institutos de ressocialização estão aí pra isso, pra que eles possam reintegrar de novo na sociedade” mas eles “não cumpre esse papel” e isso “faz com que logo eles voltem de uma forma mais violenta, é como se fosse uma escola pra bandido”. Dessa forma, é importante proporcionar a estes adolescentes “acesso mais fácil aos espaços, como escola, lazer, cultura” se “isso tudo se acontecesse, diminuiria bastante”.

O sentimento que este adolescente causa nas pessoas é o medo. Isso acontece *“por conta do estereótipo porque geralmente acha que todos os adolescentes”, “vai fazer aquilo se pá vai roubar”, para essas pessoas todas “que vivem naquela situação” onde tenha “moradores de rua ou um cara que esteja na situação de droga, vai roubar uma outra pessoa”.*

Em relação ao seu futuro, *“o único caminho que ele vai ter é a morte”, porque “não pode contar com os órgãos superiores”.*

Estrutura 16 – O adolescente autor do ato infracional representado por

Stefanie

Stefanie tem 19 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro André Carloni. Sua renda mensal familiar é de 880,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Psicologia ou Pedagogia.

O adolescente cometeu o assalto *“por necessidade”* e por querer *“alguma coisa que ele não tem”*. Ele *“sentia falta de alguma coisa em casa”,* e *“roubou pra*

ter porque hoje em dia ser jovem e ter dinheiro é a opção mais clara que a gente tem”.

Sua descrição física é de *“uma pessoa negra”*, que tem um *“bigodinho”*, e uma *“falha na sobrancelha”*, usa *“boné aba reta”*. É *“uma pessoa mais largada”*, que *“gosta de rua”*, é um *“cara machista”*, *“pensa que tudo tá sendo contra ele”*, é *“uma pessoa que não tem muito sentido assim, não vê muito sentido na vida”*, alguém que *“quer tudo da maneira mais fácil”*.

Este adolescente não possui muitas atividades em sua rotina porque *“deixou de estudar e não faz nada da vida”*. Seu comportamento é atribuído *“uma infância muito difícil”* e por ter *“vindo de um lugar periférico, de um lugar onde ele via muito isso”*.

Os lugares mais frequentados por ele são *“bairros bem periféricos”* como *“Central Carapina, Jardim Carapina”*, podemos vê-lo em *“uma pracinha que vive pessoas usando droga explicitamente”* e em *“qualquer rock tipo ufes”*. Ele mora em *“um bairro como Central Carapina”*, de maneira geral ele frequenta *“lugares periféricos e perigosos, bairros muito perigosos”*.

As poucas características relacionadas a sua família são de sua mãe que *“não trabalha”* e é *“dona de casa”*, e seu *“pai não tem muitas condições de criar ele no bairro ruim”*.

Quanto à atuação da polícia no ato cometido considerando *“que o jovem é negro”*, *“os policiais já chegam não querendo saber as circunstâncias ou o que aconteceu”*, *“já chegam xingando, agredindo, olhando como a pior pessoa do mundo, esculachando mesmo e pegando o menor e jogando ele lá”*, *“muitas vezes acontece deles baterem também”*.

Uma medida que deve ser adotada em relação ao adolescente que comete ato infracional é a *“redução da maioridade penal”*, mas não para *“colocar um menor que cometeu assalto com um estuprador”* porque *“são casos distintos”*. *“Eles devem ser punidos de alguma forma, preso”*. Porque o investimento em *“mais escolas, não adianta se o ensino não é um ensino, porque mais na frente eles vão se decepcionar”*, sendo que através do *“mundo do tráfico”* eles podem *“conseguir as coisas que eles querem mais rápido”*.

Este adolescente causa medo e receio em algumas pessoas. Isso ocorre *“pelo simples fato dela ter aquela aparência, eles já pensam assim: nossa, eles vão me assaltar”*.

No que se refere ao futuro deste adolescente, é possível *“que ele não vai ser preso porque é adolescente e nossa justiça aqui é muito falha”*, ele *“provavelmente vai voltar pra rua, vai ver que nada aconteceu com ele e vai fazer de novo”*, *“vai se envolver com coisas piores, se ele não morrer, ele vai ficar de maior vai continuar cometendo crimes e aí ele vai ser preso, mas vai se uma coisa muito pouca, vai ficar uns aninhos ali e pronto”*.

Estrutura 17 – O adolescente autor do ato infracional representado por

Tassia

Tassia tem 18 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, é solteira e reside em Serra no bairro Barcelona. Sua renda mensal familiar é de 2.000,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Medicina.

O adolescente cometeu um assalto porque *“viu um celular de última geração que ele não pode ter, então se ele acha que não tem condições de ele ter, ele vai assaltar que é o jeito mais prático pra ele”*, outra motivação foi à influência de amigos, pois *“é o que o colega fez e os outros colegas fizeram então ele ganha status ali no meio por ter um celular bom e por ele ter conseguido por ter pego de outra pessoa”*.

Em relação às justificativas para que ele tenha se envolvido com o assalto *“entra a educação, se a educação fosse um pouquinho mais centrada ou tivesse outras coisas pra ele fazer, se tivesse alguma coisa que focasse mais a atenção a ele em relação a outras coisas que chamassem atenção que não seria esse mundo de ilusão do crime”* talvez *“ele não teria feito isso”*.

Sua descrição física é de um adolescente *“negro, tem um estilo de boné, usa brinco, usa acessórios a mais, usa bigode”,* anda *“mais largado”*. É *“extrovertido, conversa com as pessoas, mas tem aquele jeito mandão”*. Se impõe perante as pessoas através do ato que cometeu quando diz *“eu posso, eu quero, você tem que me respeitar, porque eu faço então você me respeita”*.

Ele apenas *“estuda durante a noite”* e usa o seu tempo *“com os amigos ou no uso de drogas”*. No restante do dia *“não faz nada, não tem ocupação, não trabalha, não ajuda, não faz nada”*.

Suas características e seu comportamento são atribuídos ao contexto onde vive, pois *“ele cresceu em um lugar que as pessoas são assim”*, tem como referência o traficante de sua comunidade então ele pensa *“o meu herói ali na frente é o dono do lugar onde eu moro”* e assim *“ele se espelha naquela pessoa, se aquela pessoa for assim ele vai querer ser assim”*.

Podemos encontrá-lo em *“baile funk”*, e em seu bairro aonde *“ele vai se encontrar durante a noite e madrugada”*, como ele *“vai à escola, mas uma vez ou outra”* é possível que também o encontremos *“na hora da saída da escola, no bairro dele”*. Ele mora em *“um bairro periférico, ou morro”*.

É um adolescente que presencia *“violência em casa”*, sua família é composta pela *“mãe”* que *“trabalha”*, *“muitos irmãos menores”* e *“mais velhos”* *“do que ele”* é possível que algum deles esteja *“preso”* ou já tenha *“morrido”*, ele *“não tem o pai, não tem a figura do pai em casa”*.

Ao chegar ao local do assalto a polícia *“bate, xinga, fala que é culpa é dele”* que *“a culpa é da mãe”* e *“joga lá como se fosse qualquer um, independente da idade dele, não pergunta, não faz nada, deixa lá na delegacia a mãe que vai lá e tira, quando consegue tirar, isso quando não levam pra outros lugares”*.

Uma medida para que este adolescente possa se desvincular da criminalidade é ter *“o julgamento certo, se tiver que ser preso pode ser preso, mas nas condições que hoje em dia são tratadas que são muito errada”*. Atualmente quando um adolescente é apreendido ele *“vai pro lugar e fica lá, lá eles aprendem muitas coisa, lá eles ouvem e vê muita coisa, e muitos saem de lá pior do que entram”*. O que pode ser feito em relação a isso é investir em *“projetos que incentivem a não levar diretamente pra aquele lugar, independente do que ele tenha feito presídio, ou se levar pra lá e lá ter estudo, aprender e estudar, e ter um lugar pra eles trabalharem lá, ter a renda deles lá dentro, ou se lá eles saírem pra conhecer coisas aqui fora por mais que seja juntos ali, vigiado e tal, mas que eles tenham outras oportunidades, quando sair ter uma oportunidade”*.

Uma pessoa comum ao ver esse adolescente sente medo, *“não conversa, não senta perto se tiver no ônibus, olha de jeito torto, não tem assim essa convivência”,* também *“nunca chegaria pra pedir informação, nunca chegaria pra conversar mesmo, sempre deixaria de lado”*. Essa reação é devido a sua *“aparência física”, “e dependendo da atitude que ele tiver no local que ela tá que ela vê”*.

O futuro deste adolescente está relacionado à sua mudança, pois *“se ele quiser mudar ele pode, mas isso vai ter que partir dele”*, caso isso aconteça é possível vê-lo *“saindo e estudando depois que ele passou por tudo, viu realmente, o que aconteceu que não era o que ele imaginava”,* ele *“estudou, quis, cresceu, conseguiu sair de lá conseguiu tirar a mãe e os irmãos de lá e é uma outra pessoa”*. Sendo que anteriormente ele apenas pensava seu futuro *“como o dono do lugar onde ele morava com dinheiro, com mulher, com tudo garantido ali a vida boa”*. Outra possibilidade é ele ter *“aprendido muita coisa pior lá dentro e ter voltado pior, querer fazer justiça com as próprias mãos”, “foi e voltou e cometeu mais crimes, foi preso de novo, tem um patamar alto no lugar onde mora, mas é aquilo, correndo da polícia e a qualquer momento pode morrer”*.

Estrutura 18 – O adolescente autor do ato infracional representado por

Luana

Luana tem 19 anos, possui Ensino Médio completo e Curso Técnico em andamento. Atualmente é realiza estágio como técnica de enfermagem, é solteira

e reside em Serra no bairro Jardim Carapina. Sua renda mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Enfermagem.

As motivações que levaram o adolescente a cometer o roubo estão relacionadas à *“pobreza”* como a falta de dinheiro para *“sustentar sua família”* devido à *“necessidade de comer”*. Os fatores contextuais que contribuíram para o seu envolvimento com o roubo foram *“o uso de drogas”*, a exposição a *“violência familiar”*, a *“falta de escolaridade”* e *“falta de conversa entre os pais e os filhos”*.

Suas características físicas são de um adolescente *“menor de idade”* que aparenta ter *“uns 15 anos”*, *“moreno, magro demais”*, que usa *“chinelo”* e *“roupas sujas”* e tem o *“cabelo não cortado”* porque *“falta de dinheiro pra poder cortar”*. Seu comportamento é *“atrevido, espontâneo e moleque, é meio despojado, nem aí pra nada”*, ele se comportam dessa maneira *“por viver perto de pessoas assim”*, que o influenciaram.

Não possui muitas ocupações apenas *“fica na rua, jogando bola ou conversando com os amigos”*. Podemos encontrá-lo em um *“bairro muito pobre, periferias”*, e a *“maior parte do tempo na rua”* uma vez que *“ele não frequenta a escola”*. Ele mora na *“periferia”*.

A família deste adolescente é composta apenas pela mãe que trabalha *“o dia todo fora de casa pra poder manter com o pouco de dinheiro que ela recebia”* em uma *“casa de família”*.

Os policiais que chegaram ao local do roubo, *“intimaram o garoto, revistaram ele, como é de costume fazer dar batida e levaram pra delegacia, lá além da surra que deram nele”*, em seguida *“chamaram os pais e por ele ser de*

menor talvez teriam liberado”, ou então o conduziram para os “lugares onde põe as pessoas de menor”.

Entretanto, *“esse jovem deveria ficar sobre observação e não simplesmente apanhar”, “mas deixar ele sobre observação talvez com projetos educacionais”, “deveria ter mais comprometimento e não mesmo só violência física porque isso acaba que gera muita revolta neles e muitos jovens hoje acabam se tornando piores do que foi quando menino”,* outra medida que poderia ser adotada é *“haver uma nova lei quanto a isso sobre a menoridade penal porque muitos ficam a solta aí, hoje vai preso e volta, aí comete a mesma coisa ou uma coisa muito pior”.*

Os sentimentos provocados por esse adolescente nas pessoas são de *“medo”, “repulsa” e “tem gente que chega a sentir raiva”,* isso é consequência do *“preconceito”, “pela sua característica e principalmente vendo ele sair da onde ele veio”.* A mídia também é responsável por introjetar esses sentimentos nas pessoas por *“informar muito e às vezes usurpar mesmo a verdade, não contar de tudo, às vezes manipular, eles acabam criando certo tipo de medo e acaba imaginando mil coisas e não confiando em ninguém”.*

O futuro deste adolescente será *“ficar na cadeia e ganhar alguns anos ali e sair talvez com seus 30, 40 anos”* ou então *“a morte, ou uso de drogas, o tráfico acaba que acaba com a vida da pessoa”.*

Estrutura 19 – O adolescente autor do ato infracional representado por Cris

Cris tem 18 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Médio. Atualmente, é solteira e reside em Serra no bairro Serra Dourada II. Sua renda mensal familiar é de 880,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Pedagogia.

As motivações para o adolescente ter se envolvido em um ato infracional estão relacionadas ao fato dele *“não ter terminado a escola”* e por isso *“é meio complicado de arrumar um emprego”*. O assalto especificamente ocorreu porque ele estava *“querendo dinheiro pra comprar algo”*, por já ter *“filhos e precisa sustentar”*.

Em relação às justificativas para o ato, a *“falta de oportunidade”* e a pobreza foram às principais circunstâncias que levaram o adolescente a cometer o assalto. Visto que a *“família não tem condições e ele precisa de arrumar dinheiro pra sustentar”*.

As suas características físicas são de *“uma pessoa numa altura nem alto nem baixo, nem branco e nem negro”*, *“pardo assim, mais ou menos”*, possui *“os cabelos pretos”*, são adolescentes que *“gostam de roupa da moda, camisa de time, boné”*.

Sobre o comportamento, *“são pessoas no caso até educadas, com as pessoas que eles convive, tanto é que eles, entre a família mesmo assim alguns eles chegam até a proteger”*. Ele tem *“um jeito muito que quer ser algo, quer demonstrar algo pras pessoas e quer mostrar pra si mesmo também”*, é *“todo machão”*.

São adolescentes que *“ficam mais no tráfico de drogas, na verdade o dia inteiro”*, e não possuem outras ocupações. O seu envolvimento com o assalto e o tráfico de drogas ocorreu *“porque ele precisa de uma forma rápida de ganhar*

dinheiro, de ser alguém, de poder mostrar pras pessoas quem ele é”, outro motivo é atribuído ao “lugar onde vive” pois ele precisa “proteger a família, dependendo da situação da casa onde eles vivem, onde eles moram”. Podemos encontrá-lo apenas “em favelas”, lugar que ele mora.

Ele pertence a uma “família pobre sem condições”, que não possui “um lugar direito pra morar dependendo se não é casa própria é um aluguel”, “os pais provavelmente uma dona de casa ou então, ou pode ser também uma mulher trabalhadora, o pai pode ser também um trabalhador tudo depende da situação”, mas também é possível que “o pai também pode tá envolvido ou os pais”.

A atuação da polícia no ato cometido foi “totalmente estúpida”, demonstrando “uma agressividade que muitas vezes não é necessária na situação”. O que pode ser feito em relação a este adolescente é “tentar de tudo um pouco, conversar, ver a situação dele, da família”.

Os sentimentos de uma pessoa relacionados ao adolescente são “medo, pena, compaixão, mas a grande maioria tem um certo medo, um certo receio”. Essas reações são provocadas pelo “preconceito” porque “muitos se vestem assim, mas nem todos são bandidos, dependendo da pessoa se deparar com um menino assim ela pode achar que é bandido, que vá assaltar que vá fazer outras coisas”.

As possibilidades de futuro para este adolescente dependerão de suas escolhas, pois “se ele continuar na vida do crime aí no caso é a prisão ou é a morte, mas se ele sair aí no caso ele pode recuperar os estudos, se formar, fazer uma faculdade e sair dessa vida”.

Estrutura 20 – O adolescente autor do ato infracional representado por Omnira

Omnira tem 21 anos, possui Ensino Médio completo. Atualmente, é solteira, não trabalha e reside em Vitória no bairro Morro do Quadro. Sua renda mensal familiar é de 1.500,00. Pretende ingressar no Ensino Superior no curso de Direito.

O adolescente que cometeu um latrocínio teve como motivação pessoal o desejo de querer *“tá na moda como todo mundo, todo mundo tá andando de roupa de marca e ele quer”*, e pelas dificuldades em *“conseguir um menor aprendiz agora que eles ainda falam que tá em crise, então a única forma de conseguir isso é roubando”*. Outro motivo seria porque *“eles querem atenção dos pais aí eles faz alguma coisa pra chamar a atenção”*.

Entretanto, o ato foi provocado pela *“imprudência da pessoa assaltada, porque a pessoa sabe que tá acontecendo várias coisas no mundo e ela ainda têm a capacidade de sair com o telefone na rua mostrando que tem um telefone novo aí a pessoa vai lá e rouba”*. São adolescentes que *“falam que quando as pessoas reagem à intenção deles é matar a pessoa porque eles não querem ninguém reagindo e eles não querem ser preso, então eles matam a pessoa”*.

As suas características físicas são de um adolescente *“bem arrumado, magro, geralmente negro, o cabelo loiro”* usa *“roupas de marca da Ciclone que são marcar bem conhecidas pelos assaltantes que você pode identificar”*, quando *“querem mostrar que eles são o poder na sua frente”*, *“o rosto deles geralmente*

se transforma em outra coisa porque eles têm que ficar sério”. Possui “uma personalidade forte”, é “uma pessoa triste, que precisa de atenção, uma pessoa rebelde, não quer nada com a vida”.

Não possui ocupações em sua rotina, apenas fica em “roda com os amigos”, e “na rua”, normalmente conversando sobre os assaltos que irão cometer, “eles sentam na rua e ficam falando como que eles fazem, como é que você deve assaltar uma pessoa e se elas reagirem o que você deve fazer e mesmo se você não tiver armado você pode bater na pessoa, eles falam, pode bater na pessoa porque ela não vai reagir e se ela reagir continua batendo, pode bater e corre”.

As justificativas para a forma como esse adolescente se comporta estão na “criação dentro de casa porque eles verem o pai batendo ou brigando com a mãe e vendo também na rua, aí eles acham que eles também podem então eles fazem eu também posso aí acaba acontecendo”.

Os lugares da cidade que ele normalmente frequenta são “Cidade Alta, Morro do Garrafa, no Feu Rosa também”, também podemos encontrá-lo “nos bairros de classe média a baixa”. Normalmente escolhem bairros onde tenha “as pessoa que tem mais condição de vida, que tem um celular bom, que tem uma casa boa, Jardim Camburi, até o bairro de Fátima, é onde ele rouba”. Ele mora “às vezes na rua e em casa normal com quarto, cozinha, banheiro e com muitas pessoas na casa”.

Possui uma família que nega o envolvimento do filho com a criminalidade, são “pais humildes que fazem tudo pelos seus filhos e que acham que não foi ele

que assaltou, não foi ele que matou, porque o filho deles não tem coragem de fazer isso”.

Os policiais que abordam estes adolescentes *“levam pra um lugar escondido, bate neles bastante e depois leva pra delegacia”*. Entretanto é uma abordagem que eles *“tem que fazer no lugar privado”* porque *“quando tem pessoas por perto eles não podem fazer isso”*. Normalmente a polícia *“age com muita ignorância os policiais, brigam muito”*

Uma medida sugerida para a ressocialização destes adolescentes é haver *“um lugar só pra eles, que pudessem conversar, mostrar pra eles como é que é a vida dentro de uma cadeia de verdade, igual tem um programa nos Estados Unidos que eles fazem isso”*.

Uma pessoa comum ao encontrar este adolescente sente *“raiva”, “ódio, sente vontade de bater”*. Esses sentimentos são motivados por pensarem que *“eles podem trabalhar, que eles podem ter tudo que eu tenho sem precisar roubar”*.

O futuro desse adolescente será *“a morte, ou a prisão”*, mas *“ou eles podem mudar de vida, como tem pessoas que entram pra igreja”*, caso ele mude *“totalmente a sua forma de pensar e de agir, ver amigos sendo mortos por isso, aí eles mudam de vida”*.

O adolescente autor do ato infracional – A Estrutura do Grupo

A seguir será apresentada a estrutura final em formato de uma única narrativa que reúne os aspectos elaborados pelos participantes em todas as

estruturas individuais relacionados as suas concepções e experiências sobre os adolescentes em conflito com a lei.

O adolescente autor de ato infracional representado pelo grupo de jovens

O adolescente autor do ato análogo ao roubo é um adolescente do sexo masculino, pobre, negro, mora na favela, faz uso de drogas, possui baixa escolaridade e não trabalha. Seu núcleo familiar é constituído de relações conflituosas, carência de afeto e marcado pela ausência dos genitores.

De acordo com os jovens, o roubo cometido por ele ocorreu devido a diversas motivações e justificativas. A motivação mais citada refere-se a seu desejo de possuir bens de consumo da mesma maneira que outros adolescentes possuem. Assim, este adolescente encontrou na criminalidade uma possibilidade de acesso a estes bens, despertando nele *“um desejo muito grande de ter aquilo porque o outro tem”*.

Outras motivações mencionadas que contribuíram para que este adolescente cometesse o roubo foram o fato de ser um adolescente negro, ter evadido da escola e necessidade de sustentar seus filhos. Por ser um adolescente que enfrenta dificuldades para conseguir se inserir no mercado de trabalho, o roubo foi o meio encontrado para conseguir dinheiro. Outro aspecto mencionado como motivação foi o vício em drogas e consequentemente o sustento desse vício que gerou dívidas para ele, isto culminou em seu envolvimento com o tráfico e no consumo constante de drogas.

Os jovens acreditam ainda que ter cometido o roubo poderia ser um recurso para chamar a atenção da família porque *“às vezes os pais não tão muito presente aí eles acham ou simplesmente o fato de ter uma pessoa que os apoiem e dão atenção que os pais não dão”*. Outro motivo seria a convivência e influência de amigos que são envolvidos com a criminalidade, considerados como más influências e que se tornaram referência para ele. Se relacionar com *“amigos tentando dinheiro fácil, passando necessidades em casa e optam por pelo dinheiro mais fácil”*, e associado a isso, *“o fato de ser uma pessoa maleável nas ideias”* contribuíram para que este adolescente cometesse o ato.

Foram mencionadas possíveis explicações/justificativas que influenciaram este adolescente a roubar, para isso eles se reportam ao contexto familiar deste adolescente, considerado como hostil e negligente onde há uma exposição a violência vivenciada por ele. A violência é citada como a forma de se expressar de sua família, um ambiente permeado pela *“falta de conversa entre os pais e os filhos”*. Ele possui familiares envolvidos com a criminalidade além de ser considerada uma família *“que não tem boa estrutura e não tem condições”*, por isso ele também pode ter se envolvido com o roubo na tentativa de ajudá-los tendo em vista que esta vive em condição de pobreza e que passa por necessidades.

Em uma perspectiva mais ampla e voltada para o contexto desse adolescente, é enfatizado como uma possível justificativa para o ato o pouco investimento do Estado em políticas sociais voltadas para este adolescente, é tido como *“um problema que vem das autoridades, que eles meio que não se preocupam com isso, então esse é um problema meio que falta de políticas*

sociais e falta de oportunidades principalmente”. Isso sinaliza o desamparo do Estado em garantir oportunidades e alternativas além da criminalidade para este adolescente. Para os jovens, existe uma relação entre a inserção na criminalidade a partir da exclusão social vivenciada por este adolescente, pois a sociedade *“faz isso com as pessoas, ela exclui as pessoas de alguns espaços”*. Eles concebem que ser da periferia acarreta a esse adolescente menores possibilidades de profissionalização e escolarização, nesse sentido criticam a educação como desinteressante, e indicam que se essa realidade fosse invertida, haveria a uma maior possibilidade do não envolvimento em um ato infracional.

A desigualdade acomete os jovens periféricos que não possuem *“as mesmas oportunidades que um jovem de que mora em um bairro relativamente nobre tem”*. Ocorre que, essa relação excludente existente no bairro em que ele vive é considerada um meio que o conduz a criminalidade. Outro fator apontado foi a necessidade de sobrevivência nesse lugar, algumas vezes ele precisa *“proteger a família, dependendo da situação da casa onde eles vivem, onde eles moram”*. Através do envolvimento com o roubo e o tráfico de drogas, ele terá acesso rápido ao dinheiro que estes crimes proporcionam, associado a isto, o status e reconhecimento conquistados sendo esses a única maneira dele *“poder mostrar pras pessoas quem ele é”*.

Outra circunstância elucidada pelo grupo como justificativa ao roubo acontecido está nas relações estabelecidas por este adolescente com o meio em que vive. Eles percebem a periferia como *“uma fábrica de sonhos”* e por *“crescer na vida só lá dentro, eles acabam se decepcionando”* e por isso eles se envolvem na criminalidade. Entendem que a maneira dele se comportar bem como suas

características são influenciadas pelo lugar que ele vive, o vínculo *“com a comunidade que é o lugar onde ele cresceu”*, local que o faz se sentir acolhido pela família e pelos amigos. Por exemplo, ele cresceu na periferia sem acesso a oportunidades e tem como referência o traficante de sua comunidade, então ele pensa: *“o meu herói ali na frente é o dono do lugar onde eu moro”* e assim *“ele se espelha naquela pessoa, se aquela pessoa for assim ele vai querer ser assim”*. Ocorre que, por vezes, estes adolescentes se apegam a estas pessoas por não terem uma referência familiar sendo este contexto marcado pela falta de afeto não tendo uma pessoa de referência em sua família que o acompanhe e isso o tornaria uma pessoa carente e influenciável.

Assim, podemos considerar como principais circunstâncias citadas como justificativas para o ato ocorrido a condição de pobreza deste adolescente associada falta de oportunidades relacionadas a educação e trabalho, a dinâmica do tráfico de drogas, as relações estabelecidas entre ele seu meio de convivência bem como os problemas familiares.

É um adolescente que ao ser descrito fisicamente pelo grupo, possui como principal característica ser negro. Ele é magro e franzino características que remetem a sua condição de adolescente pobre que não possui recursos financeiros para se alimentar adequadamente, algumas vezes descrito como uma criança. Em outra perspectiva é visto pelos jovens como mais adultizado, possui uma estética específica como: *“cabelo cortado”*, ou *“pintado de loiro”* e *“cacheado”* ou *“encaracolado”* considerado como cabelos *“ruins”* ou *“pixaim”*, usa *“bigodinho”*, e possui uma *“falha na sobrancelha”*.

Em relação ao modo de vestir, é visto em uma perspectiva como mal vestido, usa roupas sujas, velhas e rasgadas, geralmente está de *“chinelo, bermuda larga de tacetel bem estampada e camiseta regata”* ou *“camisa de time”* e *“boné aba reta”*. Entretanto, os adolescentes que já alcançaram certa ascensão econômica através da criminalidade usam roupas melhores e procuram usar o que está na moda, possuem preferência por roupas da marca *“Ciclone”*, *“que são marca bem conhecidas pelos assaltantes que você pode identificar”*. Em seu corpo possui tatuagens, piercings, usa brinco e outros acessórios.

No que concerne ao comportamento deste adolescente a característica mais presente seria o contraste entre sua forma de expressar com os amigos e com sua família, de acordo com os jovens, entre os amigos ele se mostra agradável, educado e divertido. Demonstra ser um adolescente alegre, considerado como *“moleque mesmo de rua, jogador”* que *“tem o pensamento de no futuro ser uma Neymar da vida”*, é *“um moleque sonhador”* e na maioria das vezes aberto ao contato com as pessoas, é sociável e espontâneo, interage com as pessoas de seu bairro e é comunicativo.

Em outra perspectiva, os jovens tecem concepções negativas sobre este adolescente ao mencionarem sobre seu comportamento no contexto familiar, neste caso ele se mostra um adolescente mal educado e introspectivo. Possui um comportamento rebelde, arrogante, agressivo, desobediente e impaciente, principalmente com sua família. De maneira geral, é indiferente ao que acontece ao seu redor, é um adolescente triste que possui carências de ordem emocional e financeiras. Se expressa verbalmente por meio de palavrões e gírias. Evidenciam que ele possui um comportamento que remete a autoafirmação ao querer

demonstrar sua masculinidade através de comportamentos machistas e homofóbicos. Tem preferência por interagir com pessoas como ele. De maneira geral, não é considerado como *“uma pessoa ruim, mas que o mundo tornou ele ruim”*. Outra característica enfatizada é sua forma de se expressar, intolerante e inflexível, se impõe perante as pessoas através do ato que cometeu quando diz *“eu posso, eu quero, você tem que me respeitar, porque eu faço então você me respeita”*.

Embora os jovens apontem em alguns momentos elementos que nos indicam pensar este adolescente como indiferente em relação a vários aspectos de sua vida, em outros eles explicitam que estes adolescentes *“são pessoas no caso até educadas, com as pessoas que eles convive, tanto é que eles, entre a família mesmo assim alguns eles chegam até a proteger”*.

São diversos os possíveis fatores que explicariam ou justificariam o comportamento deste adolescente, que responderiam ao porque ele se expressa pela via da criminalidade. Um deles está associado ao contexto familiar, a começar por seu passado, pois este adolescente teve uma infância solitária uma vez que seus pais trabalham a maior parte do tempo. Considerando as dificuldades encontradas pelos pais em educar e acompanhar o filho, os jovens relatam a ausência da mãe deste adolescente dizendo que *“antigamente a mãe geralmente ficava em casa pra cuidar dos filhos, hoje em dia não tem isso mais, a mãe tem que trabalhar também, aí não sabe nem o que é que tá fazendo”*, embora os jovens ponderem que exista um esforço por parte de seus pais para serem mais presentes na rotina do filho, conversando e aconselhando. Em sua história de vida também foi exposto a violência doméstica, por exemplo, *“o pai*

batendo ou brigando com a mãe e vendo também na rua”, presenciar essa violência o tornou introvertido em função dele se sentir “intimidado com o pai, por bater na mãe dele” e a revoltado por sua mãe permanecer submissa a essa situação.

Sobre a ocupação deste adolescente, especificamente sobre sua rotina, os jovens acreditam que este possui pouca ou nenhuma atividade que o mantenha ocupado cotidianamente, a ele é atribuído a rua como o ambiente em que interage e que oferece sua única atividade de lazer: jogar futebol. É um adolescente que não possui uma rotina escolar pois abandonou a escola. No caso de ser um adolescente que possui algum vínculo com a escola, não valoriza os estudos, normalmente estuda à noite e durante o dia fica ocioso. Sua rotina é passar o dia na rua com os amigos fazendo uso de drogas. O consumo e tráfico de drogas é o que preenche sua rotina e por isso não possui outras ocupações. Raramente consegue realizar trabalhos informais para ajudar financeiramente em casa.

Em relação ao contexto territorial deste adolescente, os jovens o concebem como limitado, uma vez que os poucos lugares que possivelmente iremos encontrá-lo são favelas, morros, periferias, bairros perigosos, vielas e becos. Os lugares citados foram bairros da Grande Vitória como *“Central Carapina, Jardim Carapina”, “Cidade Alta, Morro do Garrafa, Feu Rosa”*. Nestas periferias estão os locais por onde ele mais transita, embora estejam restritos a ele alguns espaços dentro de sua comunidade, podemos encontrá-lo apenas nas ruas próximas à sua casa, junto com os amigos em pracinhas e esquinas, de modo geral, *“lugares onde tem uma facilidade com drogas”*.

Os locais que ele possui atividades de lazer estão relacionados ao futebol como quadras e campos. Outro local frequentado por ele para o lazer são os bailes que tocam músicas que também vêm da periferia como funk e rap. Além destes locais, a entrada da escola também aparece como lugar frequentado embora ele *“vai pra escola só pra diversão, zoar, rir da cara dos outros, brincar, depois não quer nada só quer ficar na rua, quer se misturar com gente que não presta”*.

Os poucos locais fora de sua comunidade que aparecem como frequentados por ele são os shoppings, e bairros de classes mais favorecidas onde ele comete roubos. Nenhum outro espaço da cidade foi citado, de acordo com o grupo *“o jovem de periferia não tem muito lugar pra frequentar”*. Os poucos lugares frequentados por este adolescente são apontados como o mesmo local que ele mora, ou seja, *“nas comunidades, que é aonde tem essa falta de oportunidades essa desvalorização do governo”*. O lugar onde ele mora é caracterizado pelo grupo como *“um bairro bem precário a situação, um bairro não asfaltado, casa humilde”*. Sua residência é em uma *“rua sem saneamento básico, sem asfalto, sem qualidade de vida”*.

Em relação a família deste adolescente o grupo de jovens elabora como principal característica ser um adolescente de família pobre *“que não tem boa estrutura e não tem condições”*, trata-se de uma família que não possui *“um lugar direito pra morar dependendo se não é casa própria é um aluguel”*. Seu núcleo familiar é composto na maioria das vezes apenas pela mãe que teve muitos filhos, ela é vista como uma mulher *“que tem que trabalhar e cuidar de todos eles sozinha”*, e *“às vezes não tem tempo pra tá acompanhando o filho, saber se tá*

estudando". Por ser tratar-se de uma família monoparental chefiada pela mãe do adolescente, esta se submete a longas jornadas de trabalho provavelmente em subempregos, além disso, é *"viciada em bingo, droga e bebidas alcoólicas"*. Para os jovens, este adolescente possui um convívio mais próximo com sua genitora que é resistente em lidar com o fato de seu filho ter cometido tal roubo.

Em contrapartida às diversas concepções sobre a mãe, o grupo possui poucas concepções sobre o pai deste adolescente, para eles trata-se de uma família de pais separados em que o pai abandonou os filhos. Em todas as perspectivas é um pai ausente. Ainda é visto como alguém que possui poucos recursos financeiros e que não tem condições de criá-lo, é alcoolista e envolvido com a criminalidade, não é presente na vida do filho. Em outra perspectiva, é um pai ausente devido a jornada de trabalho.

É um adolescente que possui muitos irmãos mais novos e mais velhos que ele e que também se envolveram com a criminalidade, por esse motivo é possível que algum tenha sido preso ou tenha falecido. De modo geral, seu contexto familiar é *"um ambiente conturbado, com desunião"*, onde ocorrem muitos conflitos e isso faz com que muitas vezes este adolescente e seus irmãos presenciem cenas de violência doméstica. O grupo considera esses pais como negligentes, pois *"ficaram mais focados no trabalho do que no filho"*. Em algumas situações *"os pais são largados na vida, usuários de drogas ou bebidas alcoólicas"*.

Apesar de todas as adversidades descritas pelos jovens, eles consideram ser uma família de pais trabalhadores que lutam por uma vida melhor e para o filho se desvincular da criminalidade, mas que não pode estar junto a ele porque

precisa trabalhar, essa ausência é justificada, pois *“enquanto, o filho tá na rua eu tô cuidando do filho do meu patrão”*. Sobretudo, sua família nega o envolvimento do adolescente com a criminalidade, *“acham que não foi ele que assaltou, não foi ele que matou, porque o filho deles não tem coragem de fazer isso”*.

No que concernem as medidas iniciais adotadas pela polícia para a responsabilização deste adolescente em relação ao roubo, o grupo considera como violentas e repressivas principalmente por tratar-se da polícia militar e por ser um adolescente negro, pois *“geralmente a polícia já chega já pegando e batendo, batendo primeiro e perguntando depois”*. Através das experiências destes jovens eles afirmam que esse modo de atuação da polícia nas periferias é sempre agressivo com estes adolescentes tratando-os como animais. Eles agem dessa forma para *“descontar, a raiva que ele tem porque a polícia tem uma raiva de negro”* e relatam como ocorre à abordagem policial com estes adolescentes, *“os policiais já chegam não querendo saber as circunstâncias ou o que aconteceu”*, *“já chegam xingando, agredindo, olhando como a pior pessoa do mundo, esculachando mesmo e pegando o menor e jogando ele lá”*. Outra medida adotada pela polícia está relacionada a responsabilização da mãe em relação ao ato do filho, a ela é atribuída a culpa pelo ocorrido.

Após essa conduta agressiva adotada pelos policiais eles encaminharam o adolescente para delegacias ou para as unidades socioeducativas que para os jovens, não desempenham o papel de ressocialização que deveriam por não os manterem nestas instituições, desta forma, eles consideram a atuação da polícia como ineficaz ou insuficiente.

Divergente às medidas repressivas adotadas pela polícia, o grupo de jovens concebe outras alternativas voltadas ao apoio social deste adolescente para que ele não reincida no ato infracional, uma delas está relacionada ao investimento na educação e profissionalização. Mas para que estes adolescentes tenham acesso à educação é necessário que *“gente lá de cima, político, investir em programas sociais, investir mais em educação, mais qualidade de vida, mais saúde, engatar mais nas periferias”*, através de investimentos nesses âmbitos.

O grupo ainda sugere a inclusão destes adolescentes principalmente nas universidades, escolas e mercado de trabalho, oferecendo-lhes mais oportunidades. Dessa forma, através do acesso a estes espaços haveria uma redução na quantidade de adolescentes reincidentes. Além de garantir estes direitos ao adolescente, outros também são mencionados como habitação digna para moradia e acompanhamento psicológico. Através desse suporte do Estado, os jovens acreditam que ele teria alternativas para a não inserção na criminalidade.

Outras medidas sugeridas estão relacionadas ao processo de institucionalização deste adolescente caso ele seja apreendido devido ao ato infracional. Ao ser institucionalizado, ter a oportunidade de realizar acompanhamento psicológico e opções para que ele se mantenha ocupado dentro destes lugares. O grupo acredita que *“os institutos de ressocialização estão aí pra isso, pra que eles possam reintegrar de novo na sociedade”*, embora apresente falhas e sendo, por vezes, *“uma escola pra bandido e muitos saem de lá pior do que entram”*.

O que poderia ser feito para reverter essa situação seria investir em projetos sociais também dentro das unidades, uma sugestão feita seria promover estes adolescentes garantindo-lhes mais oportunidades de estudo e trabalho dentro das unidades socioeducativas. Dessa forma, enquanto não houver um maior investimento do Estado em *“projetos sociais, ainda vai haver muitas desigualdades”* porque *“é quase um grito de socorro quando um adolescente chega a cometer um crime”*.

Os jovens sugerem ainda a necessidade de priorizar medidas preventivas à inserção deste adolescente na criminalidade, através de políticas públicas que garantam seus direitos. O que nos chama a atenção é o fato dos jovens se mostrarem solidários a este adolescente ao longo de seus discursos, afirmam que *“a culpa não é dele, a culpa é toda de um sistema, toda uma questão histórica,”* por isso *“que a cultura e a educação deveria abraçar esse adolescente”*.

Embora considerem às condições que contribuíram para que este adolescente entrasse para a criminalidade, outra perspectiva apresentada pelos jovens indica que este deve ser responsabilizado pelo ato cometido sugerindo a aplicação de medidas mais rigorosas para esse adolescente, nos remetendo a lógica do encarceramento, tal concepção indica que deveria haver *“uma punição porque ninguém sai impune”*, e *“porque ele tem que pagar pelo que ele fez”*.

Em alguns casos, os jovens até sugerem como medida a redução da maioria penal, mas ponderam que não para *“colocar um menor que cometeu assalto com um estuprador”* porque são atos distintos, mas sugerem que cada ato tenha sua punição proporcionalmente e revelam uma desesperança em relação ao que existe atualmente como possibilidade para este adolescente se

desvincular da criminalidade. Relatam que o investimento em *“mais escolas, não adianta se o ensino não é um ensino, porque mais na frente eles vão se decepcionar”*, sendo que através do *“mundo do tráfico”* eles podem conseguir o acesso mais rápido e fácil ao que eles querem.

Por fim, as considerações são diversas a respeito do futuro deste adolescente e por vezes controversas, as concepções de um bom futuro estão relacionadas diretamente as escolhas deste adolescente, pois se ele *“decidir mudar de vida vai ter um bom futuro, um bom emprego, um bom ensino”*. Outras perspectivas estão relacionadas ao cumprimento da medida socioeducativa, ou seja, dependerá das oportunidades que ele por ventura tenha acesso após esse período, sendo assim apontam como possibilidades voltar a estudar e ingressar no ensino superior, constituir família e conseguir um emprego.

Essas mudanças são vistas a partir de suas escolhas, pois *“se ele quiser mudar ele pode, mas isso vai ter que partir dele”*, caso isso aconteça é possível pensar este adolescente em liberdade e consciente do que fez, sendo que anteriormente ele apenas pensava seu futuro *“como o dono do lugar onde ele morava com dinheiro, com mulher, com tudo garantido ali a vida boa”*. Mas para que isso ocorra ele terá que mudar e repensar seu comportamento, tendo como exemplo os amigos que morreram devido ao envolvimento com o crime.

Entretanto o grupo considera que caso este adolescente continue envolvido com a criminalidade seu futuro terá apenas duas condições e será o mesmo de todos os outros adolescentes que se envolvem, dessa forma, caso ele não se conscientize do que fez e mude ele poderá morrer, ou ficar detido em uma cadeia, mas *“se regenerar talvez vire um homem de bem”*. Em relação à morte ser

apontada como seu único caminho possível, os motivos expostos são encontrados nas relações criminosas estabelecidas em seus territórios, uma vez que o adolescente pode ser assassinado pelas próprias pessoas envolvidas com a criminalidade de seu bairro.

Além do trágico futuro deste adolescente, a prisão associada a morte a possibilidade mais considerada para o seu futuro, reforçando a concepção de que caso ele não tenha alternativas e oportunidades seu futuro será *“caixão ou prisão”*. Permanecerá por muitos anos em algum presídio vivenciando apenas aquela realidade onde *“ele evolui lá dentro como uma pessoa ruim e volta pra fora pra fazer mais coisas ruins, aí ele volta lá pra dentro e fica nesse vai e vem, até que um dia ele morre por algum policial, alguma facção que ele tenha contra”*.

5 DISCUSSÃO

Nossa apresentação dos resultados em formato de narrativas e análise dos dados qualitativos ocorreu a partir da perspectiva fenomenológica como já citamos. A escolha dos temas a serem discutidos foi realizada com base nos objetivos específicos deste estudo previamente estabelecidos. Utilizamos a Teoria das Representações Sociais a fim de interpretar os processos psicossociais que são elaborados pelos jovens, seus modos de pensar e compreender o objeto deste estudo. Serão consideradas as experiências comuns entre os jovens, sem desconsiderar elementos distintos que aparecem nos resultados uma vez que, neste caso, nos interessa o conhecimento do objeto em suas especificidades.

Observamos que as representações sociais são produzidas e compartilhadas a partir das relações sociais em grupo sobre um objeto/fenômeno/acontecimento. Conforme foi dito previamente, tomaremos como ponto de partida os conceitos de ancoragem e função identitária dentro do grande arcabouço conceitual desta teoria. Examinaremos os processos, as diferenciações e aproximações sociais que influenciam na composição das representações e suas ancoragens sobre o adolescente autor de ato infracional. Procuraremos trabalhar os conceitos citados relacionando-os à complexidade da temática da adolescência em conflito com a lei.

Iniciaremos abordando as representações associadas ao ato infracional cometido pelo adolescente. Para o acesso aos elementos vinculados às representações sociais elaboradas pelos jovens, foi perguntado qual o possível ato cometido pelo adolescente. Observamos que para estes jovens o ato análogo ao roubo, é imediatamente associado ao adolescente. O Panorama Nacional A Execução das Medidas Socioeducativas de Internação (CNJ, 2012) analisou e investigou a execução das medidas socioeducativas no Brasil a fim de delinear o perfil social e o cenário em que estavam inseridos os adolescentes em conflito com a lei. Tal pesquisa verificou que ato análogo ao roubo aparece como o mais frequente, apresentando o percentual de 26% (Região Sul) a 40% (Região Sudeste), seguido pelo tráfico de drogas, segundo ato mais praticado, com percentual de 32% e 24%, respectivamente. Com percentual mais baixo, aparece o ato análogo ao crime de homicídio, compondo 7% do total de atos cometidos (CNJ, 2012).

A percepção dos jovens em relação ao ato cometido confirma a realidade descrita na pesquisa citada, mas confronta o que é vinculado na mídia, que enfatiza casos graves cometidos por adolescentes e apontam o ato análogo ao crime de homicídio como o mais praticado entre os adolescentes, omitindo a realidade cujo os maiores percentuais estão relacionados ao crime contra o patrimônio, como o roubo, logo, atos relacionados ao poder de consumo. Em outras palavras, a familiaridade com o objeto foi mais forte do que a ação da mídia sobre a representação.

Tal como aponta Jovchelovitch (2014) o modo como a comunicação e a interação se estabelecem entre os diferentes atores sociais vai permitir a criação de campos sociocognitivos plurais. Na análise realizada por Moscovici sobre as representações sociais da psicanálise evidenciou-se a “variabilidade e plasticidade do senso comum, e a forma como ele se ajusta e muda através da dialogicidade e interação social” (Jovchelovitch, 2014, p. 224), revelando a multiplicidade de possibilidades da forma como o mundo é representado pelos indivíduos.

Em estudo sobre a representação identitária do adolescente em conflito com a lei na mídia paranaense através das narrativas de jornais, (Moresco e Ribeiro 2015) afirmam que de acordo com o SINASE o aumento do índice de adolescentes em privação de liberdade relaciona-se a internação como uma sanção, atendendo aos apelos sociais pela redução da maioria penal massivamente repercutidos na mídia. Dessa forma, os meios de comunicação atuam como influenciadores até mesmo no sistema socioeducativo. As autoras

ainda concluem que a mídia em sua busca pela grande audiência se mostra como um eco de pautas que mostrem dados da vida social.

Ao estudarem a realidade capixaba dos adolescentes em conflito com a lei representados na imprensa escrita em 325 matérias encontradas nos jornais A Gazeta e A Tribuna, entre agosto de 2003 e setembro de 2004, Espíndula, Aranzedo, Trindade, Menandro, Bertollo e Rölke (2006) também relataram paradoxos em relação à maneira como a imprensa escrita representa os atos cometidos pelos adolescentes. Os autores destacam a forma perversa e estigmatizante a qual estes adolescentes são apresentados, pressupondo que o ato cometido pelo adolescente seja visto como definitivo em suas vidas resumindo-os a esta condição, conseqüentemente, reforçando mais uma vez medidas mais severas e punitivas, sendo um meio direto de formação de opiniões que ao propagar e/ou defender estas informações se tornam reforçadores no processo de formação de representações e atitudes estigmatizadoras e discriminatórias no que tange estes adolescentes.

De forma semelhante, Toledo (2010) problematiza a veiculação de notícias de casos graves e específicos envolvendo adolescentes conferindo-lhes uma periculosidade desproporcional a realidade concreta em que eles estão inseridos, na tentativa de levá-los a violência para que em seguida sejam responsabilizados através das medidas socioeducativas. O autor sinaliza as lacunas existentes entre a realidade concreta e o que é veiculado na mídia em relação a estes adolescentes.

Outros aspectos evidenciados em nossa pesquisa são as motivações relacionadas ao ato análogo ao roubo, podemos identificar que as possíveis

motivações atribuídas pelos jovens que influenciaram este adolescente a realizar esta prática infracional foram de ordem mais contextuais e menos pessoais. Observamos de um modo geral, que as falas dos jovens se assemelham ao relacionarem, dentro de um conjunto de fatores complexos e com várias dimensões, à condição de pobreza dos adolescentes, à falta de acesso a bens de consumo, às relações familiares e ao meio em que estão inseridos.

Nos discursos dos jovens participantes fica evidente que a condição de pobreza e a carência de acesso a bens de consumo determinado pelo modo de produção capitalista, associados ao descaso do Estado em romper com a exclusão social em que vivem estes adolescentes, são relevantes fatores de risco que podem levar a prática infracional. Nas falas podemos perceber que há em comum a busca pelo dinheiro, algumas vezes como forma de inserção social. Dessa forma, Souza, Gregório e Oliveira, analisam o contexto social em que estes adolescentes estão inseridos e afirmam que

Observa-se que os adolescentes em conflito com a lei, em sua maioria vivenciam realidades configuradas pela desigualdade social, exclusão social, o não acesso aos bens de consumo, à renda, cultura, lazer, educação e profissionalização, em situação de risco e vulnerabilidade social. Portanto, buscam estratégias de sobrevivência e inclusão nos espaços existentes em seu cotidiano, pautados na criminalização, violência, omissão, descaso e desproteção do Estado (2015, p. 13).

Outro elemento que também atua como âncora ao cometimento do roubo é a relação suposta pelos participantes entre uso e tráfico de drogas. Verificamos que este não é apontado como fator principal para o acontecimento do ato infracional, uma vez que, como já citamos, os jovens relatam o crime contra o

patrimônio, neste caso o roubo, como diretamente relacionado ao adolescente. Entretanto, vimos que o envolvimento com as drogas aparece como um meio para se alcançar um objetivo. Andrade (2015) corrobora e aponta que as drogas não necessariamente seriam causa do envolvimento com a criminalidade, mas sim a uma consequência, principalmente quando associada a outras condições de vulnerabilidade.

A ausência familiar ou a condição familiar a qual o adolescente está inserido também é apontada pelos jovens como fator associado a conduta infracional. Zappe e Dias (2012) consideram que a culpa atribuída a família a colocando como um fator de risco não deve ser segregada de uma ampla rede social complexa que é influenciada diretamente por outras instituições de controle social, portanto, não deve ser a única a ser responsabilizada pela educação dos jovens.

Nardi e Dell' Aglio (2012) em seu estudo sobre a percepção de adolescentes autores de ato infracional sobre família, consideram que em muitas situações esta é vista como importante fator de risco relacionado a conduta infracional dos adolescentes, elas mencionam que esse dado é devido as inúmeras situações sociais de risco as quais as famílias destes adolescentes também estão expostas, ocasionando adversidades no âmbito familiar. Em função disso, essas famílias acabam não exercendo sua função protetiva, não proporcionando afeto e a regulação social a estes adolescentes.

Nessa perspectiva Nunes, Andrade e Moraes (2013) consideram que o ato infracional praticado por um adolescente não pode ser explicado a partir do isolamento de um fator específico na tentativa de compreendê-lo, mas a partir do

entendimento da complexidade dos eventos que compõe a trajetória deste jovem. As autoras ainda ressaltam que a conduta infracional de adolescentes abarca um fenômeno de múltiplas causas, e por isso, necessita que um olhar integral que contemple características de ordem pessoal e contextual, sendo a família um dos contextos vivenciados pelo adolescente, ou seja, a família corresponde a uma dimensão dentro de outros fatores que corresponde o quadro de vulnerabilidade dos adolescentes.

A maioria dos nossos participantes representaram o adolescente que cometeu o ato infracional a partir dos saberes ligados às suas próprias experiências. Dessa forma, os jovens se preocuparam em propor sugestões para que essa problemática seja transformada, e demonstraram que fazem uma reflexão crítica acerca do que pode ser potencializado nestes adolescentes para que eles consigam se desvincular da criminalidade.

Mesmo que haja uma representação hegemônica que seja mais forte ou mais difundida na sociedade, os sujeitos vão construir suas representações também a partir das suas experiências individuais, da posição que ocupam dentro da estrutura social, dos conhecimentos formais e informais que possuem e das relações que mantêm com os grupos aos quais estão filiados (Alba, 2014). Vala (2013) acredita que é a pluralidade de contextos sociais e de comunicação cotidiana que vai fazer com que as crenças e as visões de mundo construídas sejam tão comuns dentro de um grupo e ao mesmo tempo tão diferentes entre os outros grupos.

No que concerne o modo como os jovens participantes concebem o envolvimento com a criminalidade percebemos uma relação diretamente

fundamentada no que eles absorvem do cotidiano o qual vivenciam, ou seja, a realidade em que também estão inseridos. Assim, os significados elaborados são compreendidos e construídos a partir do contato diário com estes adolescentes, seja na família, rede de amigos, escola e comunidade o qual permitiu a esses jovens através das experiências criarem uma imagem também acerca da dinâmica criminal existente em seus contextos de inserção social.

Segundo Alba (2014) na origem da criação destas teorias do senso comum, apesar do sujeito estar socialmente determinado, há espaço para o exercício da originalidade e da criatividade de cada um, em função da sua inserção social. Para a autora, o indivíduo

(...) não somente molda as teorias a partir de sua vida pessoal, mas também tem a arte de combinar, à sua maneira, o corpo de conhecimentos e crenças que adquiriu ao longo da vida. É como se a sociedade estivesse presente em cada indivíduo e quando analisamos suas representações sociais por meio de seus discursos, suas práticas ou de suas criações individuais, vemos como se manifesta o que há em comum com os grupos a que pertence, ou com a sociedade em que cresceu. Nesse sentido, a teoria das representações estabelece um vínculo entre o individual e o coletivo. Trata-se de estudar como o social se manifesta nas representações que as pessoas elaboram em sua vida diária, e a compartilham com os outros (p. 531).

Partindo desta premissa, falar sobre o adolescente pobre como possível autor de ato infracional, é se reportar ao contexto, conforme representado pelos jovens em relação ao adolescente. Neste aspecto é nítido a menção ao local de origem e moradia destes adolescentes, nos discursos dos entrevistados ao verificarmos aonde ele mora e aonde podemos encontrá-lo, vemos uma representação hegemônica de que o adolescente autor do ato infracional

pertence e frequenta territórios marcados pela pobreza e vulnerabilidade social, territórios estes também pertencentes aos jovens entrevistados.

A literatura sobre a juventude pobre aponta que é frequente a associação entre o jovem pobre e seu lugar de origem. Lira (2013) expõe que tal associação pode desencadear uma visão negativa sobre esses sujeitos, vistos como adolescentes perigosos, violentos, marginais, com ausência de cultura e educação, pertencentes a famílias negligentes, entre outros. Essas concepções caracterizam os jovens pobres em algumas circunstâncias como sujeitos marcados por ausências relacionadas as suas condições sociais, em outras como violentos e perigosos. Essas representações são compartilhadas pelo grupo remetendo ao adolescente pobre uma visão negativa de sua existência, seja em sua condição de falta em relação a pobreza, seja em decorrência de toda a vulnerabilidade a qual está exposto devido a esta condição.

Martins (2008) analisa em seu estudo que no caso específico dos adolescentes em conflito com a lei, a associação entre pobreza e criminalidade aparece de forma ainda mais presente e significativa, sendo este aspecto um paradigma sistematicamente analisado na formulação de políticas públicas voltadas para esta população. A autora argumenta que por se tratar de sujeitos em processo de desenvolvimento, estariam mais vulneráveis a influência do meio em que estão inseridos, “seja a família, a comunidade ou, e principalmente, a rua”.

Além da condição de pobreza como âncora da representação do infrator, isto é, a forma que se comporta, se veste, fala e como se expressa perante a sociedade, observamos outros elementos ancorados em suas características

raciais (cor e estética) do adolescente. Essas concepções, nos remetem as ancoragens relacionadas ao preconceito racial, uma vez que os jovens associam a imagem do adolescente negro ao adolescente autor do ato infracional. Analisando as narrativas encontramos a existência de asserções relacionadas a preconceitos, discriminações e racismos presentes. Outro aspecto importante são os relatos das experiências de violências que atravessam a realidade tanto dos jovens entrevistados quanto ao adolescente em que ele se refere, que, neste caso, também acontece em função do estereótipo construído sobre o adolescente (negro, pobre, favelado, mal vestido, entre outras características). Dessa forma, as dimensões raciais e de classe são elementos nos quais se ancoram as representações do adolescente autor de ato infracional.

Os estereótipos, um dos princípios organizadores das relações sociais, exercem um papel fundamental na interpretação de informações que dão base para a geração e preservação das representações sociais. Se por um lado, eles colaboram para a criação e manutenção da coesão grupal, por outro contribuem para justificar ações discriminatórias a outros grupos, tendo em vista sua função de promover a valoração positiva para o grupo próprio em detrimento dos grupos alheios (Cazels-Ferré & Rossi, 2007). Neste sentido, Jodelet afirma que “os estereótipos de deslegitimação visam a excluir moralmente um grupo do campo de normas e de valores aceitáveis, por uma desumanização que autoriza a expressão do desprezo e do medo e justifica as violências e penas que lhe infligimos” (2001, p. 64).

Nesta perspectiva, Amorim e Caloti (2015) analisaram as representações sociais sobre o negro, em escolas públicas da Grande Vitória e como estas

interferem nas relações étnico- raciais dentro da escola e nos processos de construção das identidades de estudantes negros. Os autores constataram que as representações coletivas presentes no imaginário social escolar nas escolas estudadas eram permeadas por atributos negativos e que isso corroborava na disposição das relações étnico raciais entre os estudantes, ou seja, estas concepções influenciavam negativamente no processo de construção identitária dos alunos negros em sua autoestima, compreensões de mundo e perspectivas de vida.

Santos (2011) com base nas discussões realizadas por Jodelet (2001) chama atenção para as representações sociais constituídas em grande parte por elementos referentes ao racismo, e aponta a ocorrência deste fenômeno como resultado da formação de uma alteridade radical, consequência da distância social que acomete as relações entre brancos e negros. Socialmente falando, os brancos são considerados o grupo de referência, o grupo hegemônico, enquanto os negros são considerados o grupo de contraste, o “outro”, grupo ao qual são projetados elementos negativos pelo grupo dominante. Este contexto dificulta de sobremodo a obtenção de uma identidade social positiva pelo negro. Este processo, de acirrar a diferenciação grupal atribuindo características positivas ao grupo próprio e características negativas ao grupo alheio, se dá no nível da intersubjetividade, lugar de onde emergem as representações sociais. É na dinâmica da relação entre o eu e o outro que as representações se manifestam, assinalando identidade e alteridade.

Ademais, ao conhecermos as posições que os jovens assumem sobre as medidas que devem ser adotadas em relação aos adolescentes autores de atos

infracionais, percebemos que o adolescente representado pelos jovens é visto como possível bandido em potencial pela polícia, sendo as características compartilhadas sobre dimensão racial e de classe elementos que o torna sempre um suspeito. Para B. G. M. Almeida (2009, p. 8)

Essa associação da adolescência, em especial a das classes populares, com o perigo e a criminalidade funda a concepção socialmente dominante sobre a punição de adolescentes que, contrária a que podemos encontrar no Estatuto da Criança e do Adolescente, defende aumento da repressão e do encarceramento dos adolescentes autores de ato infracional.

O Mapa da Violência (Waiselfisz, 2016) traz avaliação em âmbito nacional o progresso das mortes letais ocorridas no período de 1980 a 2014. A pesquisa investigou sistematicamente as taxas de homicídio por arma de fogo a partir das variáveis sexo, raça/cor, idade, causas, bem como sua ocorrência por regiões. O estudo apresentou o crescente número de vítimas entre a juventude brasileira, considerando esta entre 15 e 29 anos, sendo aos 20 anos o ápice do número de mortes com registro de 67,4 mortes por 100 mil jovens. Entre estes, 91% eram do sexo masculino, destacando um dado expressivo em relação ao restante da população masculina. Os dados ainda apontam que no quesito raça/cor das vítimas houve aumento de 46,9% entre o número de homicídios de negros ao passo que entre a população branca esse percentual diminuiu 26,1%. Dessa forma, podemos constatar que jovens negros do sexo masculino são as principais vítimas de homicídios por armas de fogo.

Os dados expostos no parágrafo anterior evidenciam o fenômeno do “genocídio da juventude negra” destacada por Chaves (2013) como a violência

policial destinada ao jovem negro e pobre. A autora salienta a importância em se conhecer as distâncias que segregam negros de brancos no Brasil, não resultante apenas do período escravocrata, mas também de um sistema ativo de preconceitos e estereótipos raciais que reforçam cotidianamente a discriminação e a exclusão. Diante deste cenário, é importante elucidarmos os elementos apontados pelos jovens que colocam o adolescente autor de ato infracional como possível alvo suspeito da repressão policial apontada nos discursos.

Castro e colaboradores (2005) realizaram uma pesquisa que entrevistou 1.300 jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro, que, entre outras coisas, buscava identificar quais eram, na percepção dos jovens, os principais problemas da juventude e quais atitudes poderiam ser tomadas para resolvê-los. Um dos problemas apontados foi a atuação repressora da polícia. Os jovens reclamaram da polarização do papel da polícia na comunidade que, ao invés de promover a segurança, “entra nas comunidades pra esculachar, estabelecendo uma tensão que potencializa o medo e a violência, em vez de reduzi-los” (Gonçalves, 2005, p.212). Os jovens entrevistados em nossa pesquisa vivenciam essa mesma situação. Os encontros com a polícia não são benéficos, pois a entrada da mesma no bairro gera violência e constrangimentos aos jovens moradores. Mas as experiências discriminatórias fora do bairro podem ser piores. Em um espaço em que o jovem não é conhecido, em que seu estilo e sua aparência não são como a maioria, ele tem maiores chances de discriminação, seja pela população seja pela polícia. Sair do bairro então, principalmente para os homens, é potencialmente perigoso.

Tal questionamento reflete a forma como ocorre o processo de punição do adolescente pela possível conduta infracional, que muitas vezes, se vale de condutas que violam os direitos humanos destes adolescentes. No entanto, percebemos a crítica dos jovens ao relatam disparidades sobre as medidas que devem ser adotadas em relação a este adolescente, alguns verbalizaram ser necessário adotar medidas mais punitivas e severas em relação a este adolescente remetendo a lógica do encarceramento, uma vez que, estes atribuem a ele a capacidade de discernimento e escolha ao cometer o ato infracional.

Em contrapartida, outro elemento presente neste aspecto nos remete ao discurso de impunidade desses adolescentes, considerando as medidas socioeducativas previstas pelo ECRID como ineficazes e insuficientes nos processos de ressocialização destes adolescentes. Podemos observar a presença de ancoragens relacionadas a impunidade. Quando nos referimos a esse conceito Toledo (2010) nos reporta ao mito criado sobre o adolescente em conflito com a lei no que diz respeito a não responsabilização sobre seus atos, desconsiderando todos os preceitos previstos pelo ECRID no processo de aplicabilidade das medidas socioeducativas, sendo que, estes não estão isentos pela lei podendo inclusive, entre outras medidas, serem cerceados de sua liberdade por até três anos.

Este argumento colocado por alguns jovens se assemelha ao de muitos dos que defendem e anseiam por mudanças nos marcos legais que são adotados em relação a estes adolescentes. Dessa forma, vemos circular entre estes jovens elementos que nos remetem novamente a discussão sobre a redução da idade

penal frequentemente vinculada na mídia. Alves, Pedroza, Pinho, Presotti, e Silva destacam que

(...) as manchetes de jornais passaram a ser preenchidas por crimes cada vez mais bárbaros cometidos até mesmo por menores. Tais exageros na mídia podem ser percebidos de forma particularmente evidente nos momentos de escolha de representantes políticos, quando candidatos utilizam manobras de caráter eleitoreiro propondo uma suposta solução para a violência, aparentemente mais rápida e eficaz: a redução da maioria penal. Contudo, deve-se atentar para o fato de que, tendo por escopo resguardar os direitos e garantias fundamentais, mitigados pelos governos militares que precederam sua elaboração, a Constituição de 1988, de forma revolucionária, postulou, em seu artigo 60, § 4º, os referidos direitos e garantias conquistados de forma tão penosa como cláusulas pétreas e, portanto, insuscetíveis de serem abolidas (2009, p. 76).

Nesta direção, Dias (2017) em seu estudo sobre perspectivas discursivas através do sentido do discurso de jornais como Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo no mês da votação do texto da PEC 171/1993 analisando os núcleos de sentido presentes no discurso jornalístico sobre o debate em torno da redução da maioria penal concluiu que o discurso de referência circulado em tais mídias impressas, embora tenha feito menção aos problemas existentes no sistema socioeducativo, corroborou novamente com a proposta das políticas de segurança pública punitivistas, ao colocar como eixo central do discurso outros argumentos que não os voltados a garantia dos direitos básicos dos adolescentes.

Porto (2009) argumenta que nas democracias atuais a mídia tem se constituído como um importante instrumento de “elaboração de representações sociais, que, por sua vez, para além de seu caráter falso ou verdadeiro, são

veículos privilegiados para a produção e a reprodução de crenças e valores, com função pragmática enquanto orientadoras de conduta de distintos atores sociais” (p. 233).

Marcondes Filho (1986) também problematizando o papel da mídia em seu estudo afirma que tendência desta é direcionar o espectador para determinada temática, fazendo-o acreditar que é importante pensar ou opinar sobre aquele tema daquela forma. Ela assim o faz com intenção de indicar o modo como quem acessa seu conteúdo deve se relacionar, através de um processo de modelização. A informação que ela transmite, passando pelo viés mercadológico, é generalizada, padronizada, simplificada e acaba promovendo a negação da subjetividade (Marcondes Filho, 1986).

Apesar disto, tal como afirma Gorges (2008), os indivíduos que consomem as produções midiáticas não são sujeitos passivos. Ao discutir sobre as representações sociais que circulam pela mídia escrita acerca do adolescente autor de ato infracional, a autora defende que o sentido atribuído aos “produtos” da mídia é diferente para cada indivíduo, dada a complexidade da sua inserção grupal e social. Essas representações podem variar “de acordo com a formação, a condição social de cada um e o contexto em que se está inserido, de forma que uma notícia ou informação pode ser entendida e representada de várias maneiras em diferentes contextos” (Gorges, p. 49).

Outro ponto presente nos discursos dos jovens sobre as medidas que devem ser adotadas em relação ao adolescente autor de ato infracional, indica uma lógica voltada a ressocialização deste adolescente de forma pedagógica atribuindo ao Estado através de políticas sociais e a sociedade, a

responsabilidade por garantir que este adolescente tenha oportunidades iguais a outros adolescentes para que este possa se desvincular da conduta infracional. Neste aspecto, é possível identificar a reflexão que os jovens constroem sobre a não culpabilização do adolescente por sua conduta, mas como um sujeito que carece de fatores protetivos que os permita transpor as situações adversas as quais ele possa vir a enfrentar.

Como já afirmamos, interessam-nos os elementos que compõe o modo de pensar de jovens de classe popular sobre o adolescente autor de ato infracional. Claro está que estes os veem a partir de um olhar horizontal. Representar o adolescente sobre esse viés implica pensar nos fatores de proteção os quais estes jovens estão ou não submetidos. Nos discursos alguns jovens destacam a importância da oportunidade de estarem inseridos em um curso pré- vestibular acreditando ser um meio de alcançar a mobilidade social dentro da realidade em que vivem através da educação.

Segundo Moscovici (2011) as representações sociais, além de fixar os limites da identidade grupal, conduzem a formação de estereótipos direcionados a grupos alheios e aponta a posição social de cada um destes grupos através dos significados que lhe são atribuídos. Neste sentido, o “adolescente que estuda”, em contraste com o adolescente autor de ato infracional, poderia utilizar-se também das representações sociais para demarcar sua identidade social positiva, utilizando-se do seu lugar privilegiado para aumentar a distância entre “nós” e “eles”, tornando mais rígidas as barreiras da distintividade grupal. Contudo, os dados nos permitem afirmar que os entrevistados se solidarizam com o adolescente que cometeu ato infracional não o reconhecendo necessariamente

como pertencente a um grupo de contraste, mas muitas vezes como alguém próximo, um sujeito mais próximo que aquele apresentado pela mídia.

A seguir discutiremos a última unidade de registro deste trabalho referente às concepções dos participantes sobre o futuro do adolescente autor do ato infracional.

Foi possível analisar a existência de uma diversidade de concepções sobre o futuro do adolescente, sendo que esta unidade de registro apresentou vários elementos relacionados a conduta infracional, ou seja, os jovens pensam o futuro deste adolescente não a partir de uma gama de possibilidades, mas reduzindo-o ao ato infracional cometido. O ato infracional cometido seria o que determinaria a princípio os caminhos que este adolescente percorrerá em sua trajetória de vida. Podemos destacar que os discursos se dividiram em três possibilidades de concepções de futuro.

Na primeira concepção ficou evidente a grande probabilidade de que este adolescente permanecerá envolvido com a criminalidade, a expressão “*continuar no mundo do crime*” é demasiadamente utilizada pelos jovens, restando-lhe como consequência o encarceramento ou a morte, sendo esta vista como ausência de futuro para este adolescente.

Outra concepção de futuro considera o adolescente autor do roubo como um sujeito irrecuperável, atribuindo mais uma vez uma ineficácia ao caráter pedagógico das medidas socioeducativas, considerando que, a partir do convívio destes adolescentes com outros que já possuem uma trajetória consolidada na criminalidade, o período de internação servirá como um meio de ascensão deste adolescente dentro da dinâmica criminal.

Por fim, as projeções de alguns jovens para o adolescente apresentam uma perspectiva positiva de futuro no que tange a sua ressocialização e sua mudança alcançando um futuro considerado por eles como esperado para outros adolescentes como estudar, trabalhar, constituir uma família, entre outras concepções.

No entanto, eles concebem duas condicionalidades para que isso ocorra. A primeira refere-se a aspectos de ordem pessoal como a vontade do adolescente em se desvincular da conduta infracional, responsabilizando-o por suas escolhas, já a segunda condição estaria relacionada a amparo do Estado em propiciar políticas públicas efetivas de educação, esporte, lazer, profissionalização a este adolescente para que ele possa dispor de alternativas a criminalidade.

A partir de estudo sobre trajetórias de vida e projetos de futuro entre jovens pobres pertencentes a um programa social do município de Vitória/ES. Guimarães (2009) explica a ideia de ingressar no curso superior enquanto projeto de futuro como sendo uma representação ancorada às relações que se estabelecem em programas sociais, que atribuem à educação critérios valorativos remetendo a ideia de que através da educação o jovem terá um futuro garantido. Embora isto nem sempre expressa que estes jovens tenham estratégias delineadas e internalizadas para alcançar objetivos como se inserir em um curso superior.

Nardi e Dell'Aglio (2014) ao investigarem trajetórias de adolescentes após cumprimento de medida socioeducativa de internação encontraram em seus resultados apenas 17% de seus participantes tiveram trajetórias consideradas positivas como trabalho, estudo e inserção em curso profissionalizante. As autoras destacam a importância destas inserções sociais como fatores protetivos

no processo de desenvolvimento destes adolescentes, ao passo que apoiam na construção e efetivação de projetos de futuro. No entanto, os demais adolescentes permaneceram vinculados a práticas delitivas, sendo que por serem reincidentes, retornaram aos sistemas sócio educativo ou prisional. O estudo ainda verificou a dificuldade em se obter dados sobre a trajetória de adolescentes egressos devido a óbitos e perda de contato, visto que a maioria que são desligados das medidas socioeducativas de internação não são assistidos por profissionais o que impossibilita a sua localização.

Por último, reiteramos que não foi encontrada uma única concepção sobre o futuro do adolescente autor de ato infracional compartilhada pelo grupo de jovens, mas diferentes concepções que ora se divergem ora se complementam, entendemos que os diferentes elementos identificados como teorias elaboradas pelos participantes são produto das diferentes experiências, crenças fundamentadas em representações individuais sobre o objeto.

Jodelet entende as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2002, p. 36). Em consonância com a proposta original de Moscovici (2011), Doise, Clémence e Lorenzi-Cioldi (1995) entendem as representações sociais “como princípios geradores de tomadas de posição que estão vinculadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais capazes de organizar os processos simbólicos que intervêm nestas relações” (p. 187).

Embora elementos diversificados estivessem presentes nas representações dos entrevistados do adolescente que comete ato infracional,

todas as variações encontradas estavam ancoradas na pobreza; todos os elementos estavam diretos ou indiretamente relacionados à pobreza ou às suas consequências. Tomando por base a definição de representação enquanto princípio gerador de tomada de posição e fazendo um paralelo com os resultados encontrados neste trabalho, podemos supor que os entrevistados buscavam através da prática de estudar alcançar a superação do estado de pobreza, visando a extinção ou a redução das possibilidades de fazer parte do grupo dos adolescentes que cometem ato infracional, promovendo uma maior diferenciação categorial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nesse estudo identificar e descrever as representações sociais de jovens de classe popular sobre adolescentes autores de atos infracionais. Priorizamos dar voz a uma face do fenômeno da juventude: o grupo de jovens de classe popular que não está na condição de conflito com a lei, de modo que pudessem expressar como pensam e compreendem o adolescente autor do ato infracional e como esses conhecimentos são compartilhados pelo grupo.

Consideramos que compreender as concepções existentes sobre o adolescente pobre e negro autor de um ato infracional pelo viés de jovens que possuem proximidades sociais e econômicas, implica na busca por ampliar o debate sobre questões relacionadas a realidade de uma parte significativa da juventude brasileira: a juventude pobre. Dessa forma, este estudo teve como

premissa priorizar essas narrativas de modo que também, consequentemente pudéssemos nos aproximar da realidade do adolescente autor do ato infracional.

Esperamos que este estudo possa fornecer suporte para elaboração e melhorias de políticas sociais voltadas a adolescentes e jovens de classe popular, bem como contribuir a partir dos preceitos da Psicologia Social, para a construção de um novo ângulo de análise e entendimento desta temática dentro do espectro de temas relacionados ao fenômeno da adolescência e criminalidade.

Podemos concluir através dos resultados que a representação social do adolescente autor do ato infracional encontrada apresentou elementos que atuam como ancoras em fenômenos sociais como pobreza, violência, preconceito racial e territorial. Os dados ainda nos permitem concluir que o Estado não tem desempenhado seu papel suficientemente em relação a esta população, no que tange propiciar meios de proteção para que este adolescente tenha seus direitos básicos garantidos, proporcionando-lhes alternativas para que estes adolescentes possam se expressar para além da inserção na criminalidade. Todavia, os dados revelam que o Estado se faz presente na realidade destes jovens através da violência e repressão designada a eles principalmente em seus territórios.

Entendemos que ao investigar as representações sociais sobre o adolescente autor do ato infracional também nos lançamos no desafio de compreender os processos existentes na criminalização da juventude pobre, negra e periférica. Vale ressaltar que diante deste desafio, reconhecemos as limitações deste estudo ao nos atermos à discussão dos nossos objetivos delineados, fazendo-se necessário o desenvolvimento de pesquisas futuras que

expandam este conhecimento e se debrucem sobre outras especificidades relacionadas a essa população. Outra possível limitação encontrada ocorreu em função de não haver em nosso instrumento de coleta a auto indicação de raça/cor no roteiro de questões sociodemográficas, sendo pertinente tal registro tratando-se de um estudo em que os temas racismo e o preconceito racial são inúmeras vezes mencionados pelos participantes.

Esperamos que através desta pesquisa tenhamos despertado o leitor para novos olhares sobre adolescentes que estão na condição de conflito com a lei, a fim de que possamos alcançar novas perspectivas em proteção e reintegração destes jovens, não pela lógica carcerária, punitiva e repressora vigente, mas pela via da garantia da proteção social e de seus direitos básicos. Diante dessa realidade, compreendê-los como seres em desenvolvimento, redirecionando nossos olhares não apenas para o ato cometido, mas para os novos rumos possíveis que podem ser traçados por e para estes jovens a partir de suas potencialidades.

Por fim, almejamos provocar discussões pertinentes que aqueçam os debates relacionados a adolescência e criminalidade a partir das contribuições da Psicologia Social. Contudo, entendemos que esse debate não se encerra aqui. Por ora, encerramos certas de que embora a juventude seja um tema amplamente explorado cientificamente em sua diversidade, ainda há um longo caminho a ser percorrido rumo a novas perspectivas de análise, principalmente no que tange o recorte de classe e raça entre a juventude brasileira.

REFERÊNCIAS

- Abric, J.C. (2001). O estudo experimental das Representações Sociais. In D. Jodelet (Org.), *As Representações Sociais* (155-171). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Abric, J.C. (2000). A abordagem estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (pp. 27-38) (2nd. Ed.). Goiânia: Editora AB.
- Alba, M. (2014). Representações Sociais e memória coletiva: uma releitura. In Almeida, A. M. O.; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (Org.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 520-573) (2nd. Ed). Brasília: Technopolitik,.
- Almeida, A. M. O. (2005). A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. Em M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 117-160). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem Societal das Representações Sociais. *Sociedade e estado*, 24(3), p. 713-737.
- Almeida, B. G. M. (2009). Punir adolescentes: a construção de uma especificidade. In *Anais do I Seminário Nacional sociologia e política* (p.1-20). Londrina, PR. Recuperado de <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT4/EixoII/punir-adolescentes-BrunaGisiAlmeida.pdf>
- Alves, C., Pedroza, R., Pinho, A., Presotti, L., & Silva, F. (2009). Adolescência e maioridade penal: reflexões a partir da psicologia e do direito. *Revista Psicologia Política*, 9(17), 67-83.

- Amorim, C. R., & Caloti, V. A. (2015). Reflexões sobre o racismo através das representações sobre o negro nas escolas da Grande Vitória. In *Anais do II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades* (p. 1-15). Vitória, ES. Recuperado de <http://www.periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/9526/6527>
- Andrade, S. F. O. (2015). *Uso de drogas e ato infracional: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Bonardi, C. & Roussiau, N. (1999). *Les représentations sociales*. Paris: Dunod.
- Bonomo, M. (no prelo). A procura do Zé Ninguém: um estudo sobre os estereótipos sociais e o campo da não identificação.
- Brasil (2013). *Juventude levada em conta*. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos. Brasil (2014a). Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata (12nd ed.). Brasília: Edições Câmara.
- Brasil (2014a). *Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata: Lei n. 8.069, de 13 de junho de 1990, e legislação correlata* (12nd Ed.). Brasília: Edições Câmara.
- Brasil (2014b). *Levantamento Anual dos/as Adolescentes em Conflito com a Lei – 2012*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
- Cardoso, A. M. (2012). *Relatório do projeto juventude, desigualdades e o futuro do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IESP-UERJ.

- Carvalho, J.G.S., & Arruda, A. (2008). Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. *Paidéia*, 18(41), 445-456. doi: 10.1590/S0103-863X2008000300003
- Castro, L. R. e col. (Coord.). (2005). *Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Faperj/Nau.
- Castro, R.V. (2011). Prefácio. Em Almeida A. M. O., Santos, M. F. S. & Trindade, Z. A (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 101-122). Brasília: TechnoPolitik.
- Cazels-Ferré, M. P., & Rossi, P. (2007). *Psicologia: elementos de psicologia social*. Portugal: Porto Editora.
- Chaves, M. N. (2013). Para além da cor: questão social e genocídio da juventude negra. *In Anais da VI Jornada Internacional de Políticas Públicas* (p. 1-9). São Luís, MA. Recuperado de <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo9-poderviolenciaepoliticaspUBLICAS/paraalemdacorquestaosocialengenocidiodajuventuden egra.pdf>
- CNJ (2012). *Panorama Nacional – a execução das medidas socioeducativas de internação*. Programa Justiça ao jovem. Recuperado de http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-ao-jovem/panorama_nacional_justica_ao_jovem.pdf
- Coutinho, S. M. S. (2008). *A dona de tudo: o que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa*. Métodos qualitativo, quantitativo e misto (2a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dayrell, J., & Carrano, P. (2014). *Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola*. J. Dayrell, P. Carrano & C. L. Maia (Orgs.), *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo* (pp. 101-134). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dias, A. S. (2017). Idade penal no jornalismo de referência: os sentidos centrais na cobertura do debate sobre redução da maioridade penal. *Galáxia (São Paulo)*, (34), 137-148. doi <https://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201730301>
- Dias, V. M. P. W. (2013). Juventude, religião e criminalidade. *Revista Nures*, 9 (23), 1-17.
- Doise, W., Clémence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1995). *Rappresentazioni sociali e analisi dei dati*. Bologna: Il Mulino.
- Espíndula, D. H. P., Aranzedo, A. C., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., Bertollo, M., & Rölke, R. K. (2006). "Perigoso e violento": representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico. *Psic: revista da Vetor Editora*, 7(2), 11-20.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Flick, Uwe. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Galinkin, A. L., Almeida, A. M. O., & Anchieta, V. C. C. (2012). Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 365-374. doi: 10.1590/S0103-863X2012000300008
- Gonçalves, H. S. (2005) Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo Social*, 17 (2), 207-219.

- Gorges, A. P. W. (2008). *Adolescente autor de Ato Infracional: Representações Sociais da Mídia Escrita* (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Guimarães, A. S. (2009). *Trajetórias de vida e projetos de futuro de jovens de classes populares: um estudo de caso de agentes jovens do município de Vitória/ES* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). *Síntese de indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira*. Recuperado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>
- Jodelet, D. (2001). Os processos psicossociais da exclusão. Em B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 53- 63). Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (2002). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.), *As Representações sociais* (pp.17-44) (2a. Ed.). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2014). Representações Sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão. In Almeida, A. M. O.; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (Org.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 211-237) (2a. Ed). Brasília: Technopolitik,.
- Leal, C. F., Campelo, H. T. M., Araújo, M. A., & Lustosa, P. R. (2015). Representações Sociais do adolescente em conflito com a lei: análise do programa de semiliberdade e privação de liberdade através de fanzines. *Somma*, 1 (1), 31-53.

- Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013* (2013). Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm
- Lemos, S. F. C., Costa, S. G., & Lima, R.C. P. (2013). Representações Sociais: Aplicabilidade nos estudos sobre a educação de jovens e adultos. *Educação, Sociedade e Culturas*, 39 (2), 43-61.
- Lira, V. T. P. (2013). *Representações sociais de juventudes pobres para psicólogos/as que atuam no Sistema Único da Assistência Social* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Recuperado de <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/10276/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Vladya%20Tatyane%20Pereira%20de%20Lira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Lisboa, M. D. & Welter, G. M. R. (2009). Perspectivas da educação e do trabalho no Brasil. *Política Democrática. Revista de Política e Cultura*, (23), 131-138.
- Mandelli, M. T., Soares, D. H. P., & Lisboa, M. D. (2011). Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arq. bras. psicol.*, 63(spe), 49-57.
- Marcondes Filho, C. (1986). *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática.

- Marinho, F. C. (2013). *Jovens Egressos do Sistema Socioeducativo: Desafios à Ressocialização* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.
- Martins, B. G. M. (2008). Medo do crime e criminalização da juventude. In *Anais do VIII Congresso Nacional de Educação e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas* (p. 11582-94). Curitiba, PR. Recuperado de http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/464_634.pdf
- Martins, M., Trindade, Z., Menandro, M., & Nascimento, C. (2014). Representações sociais e vivências de lazer na juventude. *Psicologia E Saber Social*, 3(1), 41-54. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2014.12202
- Melsert, A. L. M., & Bock, A. M. B. (2015). Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e Pesquisa*, 41(3), 773-789. doi: 10.1590/S1517-9702201507135302
- Moresco, M. & Ribeiro, R. (2015). A representação identitária do adolescente em conflito com a lei na mídia paranaense. *Revista Contracampo*, 34 (3), 81-94. doi <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v34i3.797>
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image e son public*. Paris: PUF
- Moscovici, S. (1978/2013). *A Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2011). *Representações Sociais: investigações em psicologia social* (9a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-192. doi <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000200006>

- Nardi, F. L., & Dell’Aglío, D. D. (2014). Trajetória de Adolescentes em Conflito com a Lei Após Cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Fechado. *Psico*, 45 (4), 541- 550.
- Nascimento, D. B., Howat-Rodrigues, A. B. C., Rosa, E. M., & Pompeu, J. C. (2012). Adolescente em conflito com a lei: representações, motivações e punições. *Psicol. Argum.*, 30 (70), 453-461.
- Nunes, M. C. A., Andrade, A. G. S., & Moraes, N. A. (2013). Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 144-156. doi <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.07>
- Oliveira, L. S., & Romagnoli, R. C. (2012). Juventude, vulnerabilidades e políticas públicas. *Perspectivas em Políticas Públicas*, 5 (9), 151-163.
- Paixão, D., Almeida, A., & Rosa-Lima, F. (2013). Representações sociais da adolescência por adolescentes e jovens / Social representations of adolescents and young about adolescence. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 278-294. doi:10.12957/psi.saber.soc.2012.4905
- Palmonari, A., & Cerrato, J. (2011). Representações sociais e psicologia social. Em A. M. O. Almeida, A. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 305-332). Brasília: Technopolitik.
- Porto, M. (2009). Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social*, 21(2), 211-233. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702009000200010>
- Quiroga, F. L., & Vitalle, M. S.S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 23(3), 863-878. doi: 10.1590/S0103-73312013000300011

- Rossato, L., & Souza, T. M. C. (2014). Psicologia e adolescentes em conflito com a lei: reflexões a partir do estágio. *Revista da SPAGESP*, 15 (1), 112-122.
- Sá, C. P. (1998). *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Santos, A. G., & Valente, J. A. S. (2012). Fundamentos epistemológicos de representações sociais em dissertações na área de educação em ciências. *AMAZÔNIA - Revista de Educação em Ciências e Matemáticas*, 8 (16), 174 - 185.
- Santos, E. F. (2011). *Representações Sociais de Estudantes Negros: universidade e trabalho* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Recuperado de http://www.ppgpsi.ufscar.br/pdf/Diss-Efs_055447.pdf
- Santos, M. F. S., Félix, L. B., & Moraes, E. R. C. (2012). Representações Sociais de Juventude em uma Comunidade Quilombola do Agreste Pernambucano. *PSICO*, 43 (4), 524-532.
- Secretaria Nacional de Juventude (2014). *Boletim Juventude Informa*. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/Boletim_Juventude_web.pdf
- Silva, E. R. A., & Andrade, C. C. (2009). A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. Em J. A. Castro, L. M. C. Aquino, C. C. Andrade (Orgs.), *Juventude e políticas sociais no Brasil* (pp. 41-70). Brasília: Ipea.
- Souza, C., & Paiva, I. L. (2012). Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia* (Natal), 17(3), 353-360. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300002>

- Souza, M. D. F., Gregorio, L. A., Oliveira, J. A. (2015). Adolescente e o ato infracional: mudança e superação de paradigmas estigmatizantes. In *Anais do I Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos II Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais I Congresso De Direito à Cidade e Justiça Ambiental* (p. 1-15). Londrina, PR. Recuperado de http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo7/oral/5_adolescente_e_o_ato....pdf
- Souza, T. M. C., & Barcelos, M. V. (2013). Representações Sociais sobre adolescentes em conflito com a lei. *Perspectivas em psicologia*, 17 (1), 65-82.
- Teixeira, M. J. S. (2014). *Representações Sociais de Avaliação em Matemática por Alunos com Baixo Desempenho* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Toledo, B. A. S. (2010). *Alargando as margens: um estudo sobre processos de resiliência em adolescentes em conflito com a lei* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Recuperado de http://web3.ufes.br/ppgps/sites/web3.ufes.br/ppgps/files/Bruno%20Alves%20de%20Souza%20Toledo_1.pdf
- Trancoso, A. E. R. (2012). *Juventudes: o conceito na produção científica brasileira* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2014). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 137-147. doi: 10.1590/S0102-71822014000100015.
- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2014). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In Almeida, A. M. O.; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (Org.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. (pp. 133-162) (2nd. Ed). Brasília: Technopolitik,.
- Trindade, Z. A.; Menandro, M. C. S. & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e Interpretação de Entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. Em M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia* (pp. 71-92). Vitória: GM Gráfica Editora.
- Vala, J. (2013). Pensamento Social e Representações Sociais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Ogs.). *Psicologia Social* (cap. 11) (9a. ed). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Veriguine, N. R., Basso, C., & Soares, D. H. P. (2014). Juventude e Perspectivas de Futuro: A Orientação Profissional no Programa Primeiro Emprego. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 1032-1044. doi: 10.1590/1982-3700000902013
- Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO. Recuperado de http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf
- Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2012). Violências e fragilidades nas relações familiares: Refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei.

Estudos em Psicologia, 17 (3), 389-395. doi 10.1590/S1413-294X2012000300006.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E NATURAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Representações sociais de jovens de um curso pré-vestibular popular sobre adolescentes em conflito com a lei.

Pesquisadora Responsável: Fernanda Gonçalves de Lima, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Smith Menandro.

Telefone e e-mail para contato: (27) 98832-4648/fernandagolima@gmail.com

Trata-se de uma pesquisa sobre o que jovens de cursos populares preparatórios para vestibular pensam sobre adolescentes em conflito com a lei,

visando à compreensão das percepções que estes elaboram sobre os adolescentes. O recurso utilizado para a investigação será: entrevista com jovens de um curso pré-vestibular popular.

Não há riscos envolvidos ou despesas, uma vez que as questões do roteiro de entrevista convidam o participante apenas a relatar suas experiências e opiniões. Os benefícios previstos serão:

- a) contribuir com o desenvolvimento de manejos mais adequados e abrangentes de profissionais que atuam com adolescentes em conflito com a lei;
- b) suscitar a discussão de aspectos teóricos com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o fenômeno;
- c) facilitar a construção do conhecimento acerca do fenômeno.

Os dados são confidenciais, sendo analisados apenas pelos pesquisadores e sem identificação dos participantes. Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados e divulgados, garantindo o anonimato dos participantes. O participante obterá, sempre que desejar, esclarecimentos sobre o estudo. A participação no estudo não incorrerá em risco a saúde física e mental. A qualquer momento é possível recusar a participação, sem que isso ocasione prejuízos ou qualquer penalidade.

Confirmando ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

_____, _____ de _____ de 2016.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Prezado (a) Participante,

Estamos convidando-lhe para participar desta pesquisa sobre o que pensam os jovens de cursos populares preparatórios para vestibular sobre adolescentes em conflito com a lei.

A entrevista levará entre vinte e trinta minutos. Suas respostas são completamente anônimas e apenas os pesquisadores diretamente envolvidos no projeto terão acesso aos dados. Você nunca será pessoalmente identificado nesta pesquisa ou em qualquer apresentação ou publicação decorrente do mesmo. A informação que você nos fornecer será codificada com um número.

Agradecemos a participação na entrevista. Esta é totalmente voluntária. Você é livre para interrompê-la em qualquer momento antes de finalizá-la. Ao preencher e devolver o termo você estará de acordo que os dados sejam utilizados e analisados.

Por favor, lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. Nós estamos apenas interessados em conhecer sua opinião sincera!

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com os responsáveis por esta pesquisa:

Fernanda Gonçalves de Lima (fernandagolima@gmail.com)

Prof^a. Dra. Maria Cristina Smith Menandro (cristinasmithmenandro@gmail.com)

Muito obrigada por sua ajuda e cooperação nesta pesquisa!

Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Identificação:	Cidade em que mora:
Sexo:	Bairro:
Idade:	Renda mensal familiar:
Estado Civil:	Curso que pretende realizar:

Imagine a seguinte situação: você lê uma notícia referente a um ato infracional cometido por um adolescente. A seguir estão colocadas questões a respeito da notícia:

- 1) Qual o ato que foi cometido?
- 2) Por que você acha que isso aconteceu?
- 3) Por que ele fez isso?
- 4) Descreva este adolescente: Como ele é? Quais são suas características físicas?
- 5) O que ele faz?
- 6) Como é o jeito dele?
- 7) Por que ele é assim?
- 8) Aonde podemos encontrá-lo?
- 9) Aonde ele mora?
- 10) Qual informação havia sobre a atuação da polícia?
- 11) Qual informação havia sobre a família do adolescente?

- 12) O que você acha que uma pessoa sente quando encontra esse adolescente?
- 13) Por que você acha que a pessoa se sente dessa forma?
- 14) O que você sentiria se encontrasse esse adolescente?
- 15) Na sua opinião, o que você acha que se deve fazer com o adolescente que comete um ato infracional?
- 16) Qual você acha que será o futuro deste adolescente?